

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ISABEL ROZA CORRÊIA

REENRAÍZAMENTO IDENTITÁRIO – TEATRO COMO EXPERIÊNCIA
NO DESENVOLVIMENTO DE UMA PRÁTICA ARTÍSTICO PEDAGÓGICA

UBERLÂNDIA

2023

ISABEL ROZA CORRÊIA

REENRAÍZAMENTO IDENTITÁRIO – TEATRO COMO EXPERIÊNCIA
NO DESENVOLVIMENTO DE UMA PRÁTICA ARTÍSTICO PEDAGÓGICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de
licenciatura e bacharel em Teatro.

Área de concentração: Instituto de
Artes (IARTE/UFU).

Orientadora: Renata Bittencourt
Meira.

UBERLÂNDIA

2023

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C824 2023	<p>Corrêia, Isabel Roza, 2000- Reenraizamento identitário [recurso eletrônico] : Teatro como experiência no desenvolvimento de uma prática artístico pedagógica / Isabel Roza Corrêia. - 2023.</p> <p>Orientadora: Renata Bittencourt Meira . Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Teatro. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Teatro. I. , Renata Bittencourt Meira, 1963-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Teatro. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 792</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

REENRAÍZAMENTO IDENTITÁRIO – TEATRO COMO EXPERIÊNCIA
NO DESENVOLVIMENTO DE UM PROCESSO METODOLÓGICO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Uberlândia como requisito parcial
para obtenção do título de
licenciatura e bacharel em Teatro.

Área de concentração: Instituto de
Artes (IARTE/UFU).

Orientadora: Renata Bittencourt
Meira.

Uberlândia, 16 de julho de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rosimeire Gonçalves dos Santos, UFU/MG

Prof. Dr. Mariene Hundertmarck Perobelli, UFU/MG

Dedico a todos os professores que contribuíram no meu processo de formação, a todas as crianças e adolescentes que tive a oportunidade de ser professora de teatro e aos meus colegas de curso que se disponibilizaram a vivenciar as experiências que me fizeram chegar até aqui. Sem eles, essa pesquisa não aconteceria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que é minha maior base de incentivo e apoio, a minha mãe Kárita Rosa que me deu o primeiro incentivo para me arriscar nessa graduação, aos meus avós José Roza e Doralice, as minhas tias Gelta Mara, Sárita Rosa, Geisa Nara, aos meus irmãos Gabriel Rosa e Clara Rosa, agradeço também aos meus tios Fábio Alexandre, Anderson Martins, Oliven Carlos. A todos, agradeço o imenso carinho, por acreditar e me acompanhar no meu sonho, por todo suporte e atenção.

A professora Mariene Perobelli que durante toda a graduação foi a minha maior fonte de inspiração e responsável por grande parte do meu caminhar para me entender enquanto ser potente e professora.

A professora Mara Leal por proporcionar abertura investigativa dentro do nosso trabalho “O Futuro é ancestral”, me alinhando com os meus caminhos e tornando ainda mais forte minha afetividade com o teatro e minha identidade, além de toda paciência e cuidado.

A minha orientadora Renata Meira, por me apresentar caminhos e me guiar ao encontro dos meus desejos dentro da minha pesquisa.

A minha querida amiga Tita, que sempre me fortificou enquanto artista, através de toda sua energia, apoio e como fonte de referência.

A amizade e incentivo para trilhar como artista mesmo antes da graduação, de Thalita Zanão, Lívia Luiza e Luís Gustavo e todos os outros que passaram pelo meu caminho.

As minhas amigas de caminhada durante a graduação Juliana Afonso, Luísa Della Nina, Julia Felix, Julia Mouza e Gabriela Zorneta, que foram sempre base de apoio e companheirismo. Junto aos meus amigos Murilo Invernizzi, Eduardo Baldo e Rafael Mininel que ocupam lugar importante na minha jornada.

Agradeço a todos os moradores da República Santa Casa.

E por fim todos os amigos e colegas que, de alguma maneira, contribuíram para minha formação artística, acadêmica e pessoal.

RESUMO:

Este trabalho é uma descrição e reflexão da trajetória formativa na graduação do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, que resulta no contato investigativo da minha identidade. Surge a partir dessa experiência estudos no campo relacional da arte como meio de reafirmação identitária, levando mais a frente ao desenvolvimento de um processo metodológico que se molda a partir da oficina realizada como trabalho de campo. Fundamentado no meu processo autobiográfico o método também se desenvolve apoiado em conceitos pedagógicos que buscam a vivência afetiva e cultural, criando relações intergeracionais, relação entre a comunidade, grupos étnico-raciais e interagindo com a ancestralidade e seus saberes.

Palavras-chave: Identidade. Método. Cultura.

ABSTRACT:

This work is a description and reflection of the formative trajectory as a teacher in the graduation of the Theater course at the Federal University of Uberlândia, which results in the investigative contact of my identity. From this experience, studies arise in the relational field of art as a means of reaffirming identity, leading further to the development of a methodological process that is shaped from the workshop carried out as fieldwork. Based on my autobiographical process, the method is also developed supported by pedagogical concepts that seek affective and cultural experience, creating intergenerational relationships, relationships between the community, ethnic-racial groups and interacting with ancestry and its knowledge.

Keywords: Identity. Method. Culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 -	Registro da construção do meu autorretrato.....	21
Figura 2 -	Resultado do autorretrato realizado na oficina do COMUFU.....	37
Figura 3 -	Resultado do autorretrato realizado na oficina do COMUFU.....	38
Figura 4 -	Resultado da atividade imagética e memorial (lugar).....	40
Figura 5 -	Resultado da atividade imagética e memorial (lugar).....	40
Figura 6 -	Atividade a partir da mimesis corpórea.....	42
Figura 7 -	Atividade a partir da mimesis corpórea.....	42
Figura 8 -	Atividade a partir da mimesis corpórea.....	43
Figura 9 -	Construção de bonecos e contação de história.....	45
Figura 10 -	Construção de bonecos e contação de história.....	45
Figura 11 -	Construção de bonecos e contação de história.....	46
Figura 12 -	Construção de bonecos e contação de história.....	46
Figura 13	Jogo de capoeira.....	48
Figura 14	Jogo de improvisação.....	48
Figura 15	Jogo de improvisação.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO 2 - EU E A ARTE.....	15
2.1 O fazer teatral na reafirmação do eu	17
2.2 A trajetória que me fez professora.....	19
3 CAPÍTULO 3 - MEU EU E O OUTRO: A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA	27
3.1. A mediadora	30
4 CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
6 REFERÊNCIAS	51
 APENDICE	52

1 INTRODUÇÃO

O teatro ao longo da história proporciona em suas diversas atribuições, finalidades de cunho político, didáticos, religiosos, terapêuticos, culturais, etc., sendo pesquisado, desenvolvido e apresentado de diversas maneiras, indo de acordo com o propósito de quem o faz e da recepção de quem o contempla.

Isso proporciona que dentro de suas práticas o teatro reverbere de forma individual, pois se apresenta ao indivíduo considerando suas vivências e referências, ou a falta delas.

O teatro também atua hoje dentro da educação, compondo os currículos escolares, elaborando propostas educativas e formativas interdisciplinares, levando a partir do movimento de Arte-educação conhecimento, investigações, questionamentos e o contato com o lúdico. O teatro também se encontra presente nos espaços acadêmicos por meio dos cursos superiores na licenciatura e no bacharelado, formando artistas, professores e cidadãos.

Dentro de tamanhas possibilidades se encontra o curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que tem em seus objetivos gerais “formar profissionais de teatro que exerçam atividades próprias da criação artística, da educação e da cultura em geral, e preparar pesquisadores para carreira docente com capacidade de relacionar a prática com a teoria, a arte com a educação”, como descrito e disponibilizado no catálogo de graduação da Universidade.

É de forma particular e íntima que eu escrevo esse Trabalho de Conclusão de Curso, cujo objetivo é narrar a minha trajetória vinculando as minhas vivências culturais e familiares, ao contato com o meio acadêmico, até a reverberação artística teatral a partir desse trânsito. Apresentando também o afloramento de anseios, descobertas, dúvidas e pesquisas que ao transitarem em diferentes propostas teatrais no período da graduação atravessam um processo de reenraizamento de identidade.

Nesse contexto a palavra reenraizar surge a partir de um movimento pessoal, quando, durante o processo, estabeleci a identidade como foco

principal da pesquisa e compreendi que precisava ressignificar termos ao inseri-los nessa jornada.

No início das investigações de pesquisa, acreditava na ideia de que precisávamos resgatar nossas culturas e identidades, me ligando à pensamentos hegemônicos inseridos no nosso social que desconsideram as pluralidades, interligações e transformações que ocorrem no meio e em nós. Mas ao decorrer, o reenraízar surge com o intuito de substituir a ideia de “salvar” algo que na realidade não está perdido, trocando pela compreensão de que esses são mutáveis e únicos, e por isso devem ser mapeados, pontuados e considerados em nossos processos de formação.

Reenraízar é se reencontrar consigo mesmo constantemente podendo ser um ser plural, é um ato de carinho com sua história além de um ato político, pois se coloca em posição decolonialista. Ou seja, o ato de se reenraízar integrado aos movimentos processuais que aqui serão descritos, está ligado ao movimento de nos compreender como indivíduos pertencentes e caracterizados por um meio colonizado e que, a partir disso, cria a noção de que é preciso romper com essa estrutura que nos atravessa em diferentes meios sociais e que também faz parte da maneira que entendemos nosso local de fala. É por meio dessa ruptura que abrimos espaço para pluralidade de vozes e caminhos, nos apropriando das nossas raças, ancestralidades, lugares e vivências.

Ainda nesse caminho e dentro dos procedimentos estruturados pontuo a relação dos diferentes meios de saberes e transmissão dos mesmos, a fim de expandir a troca e diálogo de experiências e perspectivas que não se fundem apenas no meio formal hegemônico. Visando que a partir desse movimento haja espaço para a ação consciente e inclusiva por meio da ecologia dos saberes, compreendendo que “A ecologia dos saberes se refere ao reconhecimento da infinita pluralidade dos saberes e da necessidade de valorização dos mesmos para realização de ações verdadeiramente emancipatórias” (Oliveira, 2018, p. 1).

Nessa perspectiva, esse trabalho evidencia a autobiografia, mas não se limita à descrição da trajetória, pois tem em seu objetivo ressaltar trocas,

contribuições, indagações e visa apresentar as reverberações práticas e técnicas desse processo na formação de uma professora de teatro.

Este trabalho evidencia, sobretudo o uso das práticas teatrais junto às narrativas e experiências pessoais como instrumento de crítica, reflexão e mapeamento de identidades, através do desenvolvimento de um processo metodológico investigativo para testar uma hipótese construída a partir das minhas experiências. Sendo essa, a compreensão enquanto indivíduo diante das identidades, que ao se apropriar de suas referências identitárias torna possível dentro de outras experiências criar uma rede de trocas para que outros participantes também sejam capazes de propor e entrar em contato com suas referências identitárias.

É partindo do pressuposto de um processo identitário que ao realizar a pontuação de experiências pessoais, visou propor um processo metodológico capaz de proporcionar experiência aos participantes integrados. A experiência que trago aqui está para além do ato de fazer ou estar, está ligada ao conceito que conecto a definição de Jorge Larrossa, que entende que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (LARROSA, 2002, p. 21) trazendo para as práticas a intenção de se colocar por inteiro e a partir desse movimento compreender as reverberações e disparadores.

Apresento uma experiência pedagógica que visa em seus processos e métodos proporcionar o diálogo consciente entre as práticas artísticas e o que surge disso, existindo através da real vivência, a experiência, seguindo nas diversas possibilidades de expressão pelo caminho da contemplação, percepção e criação.

Se entendermos a pedagogia como “conjunto de métodos que asseguram a adaptação recíproca do conteúdo informativo aos indivíduos que se deseja formar”, como define o Dicionário Oxford Languages, trilhar esse caminho é seguir pelo que entendo como pedagogia corporificada e poética, que, de acordo com a perspectiva somática de Meira (2021,p.455)

“(…) é proponente de processos de experiência em que cada estudante é o centro de seu ponto de vista. Como observa Larrossa

(2002), a experiência não pode ser ensinada. O professor desenvolve uma ação pedagógica corporificada como um facilitador de processos de experiência”.

É pelo ato das relações sensíveis, pelo corpo presente e potente no processo, de se propor e se abrir aos movimentos, da proposição de práticas investigativas artísticas que dialoguem com os participantes integrados, que conseguimos relacionar, contemplar e transpor nossas descobertas e reafirmações identitárias dentro do processo.

No primeiro capítulo, “eu e a arte”, que se segue, vou descrever algumas experiências as quais me atravessaram durante a minha graduação em Licenciatura, que tem como finalidade interligar os processos pedagógicos teatrais do curso de teatro UFU, a minha passagem como aluna e a formação como professora de teatro. Trago em formato de relato a estrutura de experimentar, aprender, criar e ensinar (MEIRA, 2007) que mais a frente entendo como o meu trajeto e levo para dentro do processo metodológico com o intuito de aplicá-lo.

No segundo capítulo, “a experiência pedagógica”, apresento de forma estruturada essas relações, a fim de expor uma abordagem que perpassa pela cultura e memória a partir do tempo/espço tendo o corpo como meio.

Em seguida desenvolvo o terceiro capítulo trazendo os procedimentos metodológicos, que consolidam e transformam alguns conceitos a partir do trabalho de campo realizado durante à oficina do COMUFU. O COMUFU é um projeto artístico pedagógico o qual faz parte da disciplina de Estágio Supervisionado IV, tendo como objetivo desenvolver oficinas de teatro para a comunidade, dentro da UFU e em comunidades externas, para diversos públicos.

O desenvolvimento do processo inicia na montagem do plano de oficina. A oficina a qual ministrei foi realizada na Instituição de Ensino Eurípides Barsanulfo, no município de Uberlândia, para a faixa etária de 9 a 15 anos, inicialmente voltada para o meu desejo e associação entre a Cultura Popular e a questão identitária, também vinculada ao meu processo autobiográfico.

Ao colocar em prática o planejamento que propunha dentro das práticas incluir movimentos das Culturas Populares, percebi a necessidade de remodelar

o foco das proposições de acordo com o que reverberava do grupo. Compreendi, ao decorrer dos encontros da oficina que ao incluir a cultura popular, estava buscando espelhar a minha experiência nos outros, desconsiderando as diferentes vivências e ambientes.

A partir disso desloco o foco para o processo identitário, percebendo ser mais potente utilizar da bricolagem e com isso abrir espaço para que as circunstâncias deem forma metodológica, criando processos investigativos que surgem das demandas e respeitando as diversidades que permeiam a sociedade.

“No campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) seguiu um raciocínio semelhante ao definir a bricolagem como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno”. (NEIRA.; LIPPI. 2012, p. 4)

Apresento nos capítulos 2 e 3 o trilhar de experiências que levam à decisão da escolha de uma temática de pesquisa, encaminhando para o levantamento de referências artísticas e pedagógicas que contribuem para significação do processo e desenvolvimento do processo metodológico. Finalizo a conclusão com a minhas percepções no processo formativo junto ao trabalho de campo realizado, apontando questões e descobertas.

2 CAPÍTULO 2: EU E A ARTE

Para entender a idealização e pulsação desse trabalho, é preciso acompanhar e compreender a trajetória desde o seu ponto de partida, por este motivo é necessário introduzir o meu eu.

Antes de me apresentar enquanto graduanda, pesquisadora e artista, me apresento por Isabel. Mulher preta, cis, que antes já foi criança e que não sabia lidar com as imposições sociais, tentando muitas vezes me encaixar nos padrões, pois para alguns ao meu redor eu era morena, para outros parda, nunca preta. Apesar das tentativas exteriores de induzir meu enquadramento em um perfil mais claro e por não ter uma rede de apoio que me guiasse a ação de me colocar no local de questionar, sempre estive ciente da minha negritude, por mais

confusa que fosse, mas que só veio se reafirmar com potência no processo da graduação, como relato à frente.

Nascida, criada e amante do estado de Minas Gerais, cresci em cidades interioranas. Residi no município de Guarda Mor durante grande parte da minha vida, vivenciando as culturas locais e as relações com o lugar.

Nesse mesmo lugar me nutri de diferentes experiências artísticas, que, ao final do ensino médio me levaram à curiosidade de experimentar o teatro e me arriscar na graduação. Considerei durante muito tempo que meu primeiro contato com o teatro havia se dado diretamente na universidade, quando entrei na graduação do curso de Teatro da UFU em 2018, desconsiderando a potência das experiências artísticas e teatrais que inconscientemente me atravessaram e me guiaram a esse caminho.

Ao entrar para o curso de licenciatura em Teatro e me chocar com diferentes vivências, realidades e culturas, enfrentei questionamentos pessoais perante os meus conhecimentos e costumes. Eu me vi dentro de um sistema educacional que ainda carrega traços hegemônicos e que invalidava de algumas maneiras as minhas cargas, ao contraponto em que as propostas pedagógicas dos professores do curso de teatro me colocavam diante de movimentos que me faziam refletir sobre o que sempre tive como concreto ou que nunca haviam sido contestados, me levando a questionar também a minha identidade e lugar de fala.

Quem sou eu em diferentes meios sociais? Quais características culturais me definem? Qual a minha relação com a minha cor e como ela afeta os lugares que eu ocupo? Como eu me vejo a partir de um olhar próprio?

Eu me encontrei na confusão identitária em que me perdia entre uma orgulhosa graduanda em teatro na universidade federal e sendo a segunda geração da família a ocupar o espaço universitário, mas que ao se ver dentro desta mesma universidade se contesta do seu eu e suas potências.

Nesse momento me senti deslocada de mim pela falta de respostas rápidas que suprissem todas as dúvidas, me afastando da experiência e me colocando

apenas na busca pela informação e o saber, impossibilitando o olhar ampliado para as possibilidades e diversidades que me cercavam e me atravessavam.

Existe nesse processo o que Stuart Hall (1992) identifica como a perda de um sentido de si diante de seu lugar no mundo social e cultural, devido as constantes interferências de “forças exteriores”, que se dão quando pensamos que “A identidade se baseia em pontos de identificação social, política, racial, de classe, etc.”. (HAAL, 2006, p. 11)

No entanto, gradativamente, ao longo da graduação, as urgências e a busca incessante pela informação e formação de opinião foram se afastando e dando espaço para cultivar a atenção e a delicadeza na relação do interno com o meio, isso, criando ligações entre a minha arte e as minhas vivências.

No decorrer da graduação, surgiram durante a realização de algumas disciplinas pedagógicas, apontamentos, leituras, debates e propostas que buscavam o fazer artístico através de memórias e experiências, que, como resultado, atuaram para além da formação acadêmica, e também como elementos formativos de sujeito da minha própria história. Esses me encaminharam para a formação da minha compreensão do conceito de identidade como algo formado através de processos inconscientes, estando sempre incompleta, sempre em formação e sempre plural.

Passo, então, a me colocar à disposição de me relacionar com um novo saber, não o saber tecnicista ou a retenção de informações, mas me apropriar de uma pedagogia de vida que me atravessasse ao questionar e vivenciar as relações com o exterior e comigo mesma. A pedagogia poética e sensível de me situar nos meus conhecimentos plurais e subjetivos para entender a minha produção móvel no mundo.

2.1 O fazer teatral na reafirmação do eu

Identificando e compreendendo esses caminhos, facilmente relaciono as vivências pessoais e as proposições pedagógicas do curso, pois se torna nítido o entrelaçamento entre o aprender e o fazer. Foram processos em que fomos

colocados em um meio de busca, questionamentos e criação, compreendendo de forma particular que apenas transmissão de conhecimento não se faz suficiente, como cita a educadora Lillian Pacheco “Transmissão de conteúdo não é pedagogia e não é conhecimento, é pelo vínculo entre as pessoas que se dá o conhecimento” (Arte em Trânsito, 2021). É preciso que dentro dos processos pedagógicos e artístico -pedagógicos estejam presentes o vínculo, a troca entre os indivíduos presentes e a abertura para experienciar.

Foi por meio dessa relação que encontrei meu caminho enquanto arte educadora, sujeito potente e pesquisadora de processos que buscam proporcionar caminhos para a aprendizagem de si.

Dadas essas vivências, trocas de questões e saberes de forma coletiva, e pelo olhar sensível individual, é que surge uma investigação e mapeamento pessoal aprofundado que me guia a reenraizar minha identidade e logo à frente transformar os atravessamentos em pesquisa.

Todo esse processo acontece nas disciplinas de Licenciatura, é através da formação enquanto professora artista que acontece a minha experiência. Com isso, afirmo que os atravessamentos que me trazem até aqui partem da minha “confusão” identitária vivida no início da graduação, compreendo que a vivência institucional ressaltou conflitos já existentes, que foram se direcionando e alinhando através das práticas enquanto aluna de teatro.

Quando passo a trazer para dentro da universidade as minhas bagagens educacionais formativas familiares e sociais e busco vincular aos conhecimentos institucionais, me encontro com a cultura popular, que trago das minhas vivências interioranas e que surgem em meio a algumas disciplinas.

Com isso encontrei um caminho disparador para vincular as minhas vivências, arte e pesquisa. É pela ideia de que como sujeitos temos uma “(...) essência interior que é o ‘eu real’, mas que este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 1992, p.11) que passo a alinhar os meus conceitos, compreendendo meu lugar de fala e potência, sem ser invalidada dentro dos novos espaços ocupados e sem invalidar essas “outras identidades” que emergem, transpondo essa percepção e investigação no fazer artístico/teatral.

É a partir de então que me abro e me disponibilizo a viver os processos da graduação e, enquanto artista de forma vulnerável e sincera, me permitindo passar pela experiência de fato, que reflete no meu pessoal. Quando sinto e desfruto dos momentos sem esperar que algo me aconteça, mas sabendo identificar quando e pelo que sou atravessada, compreendo a minha subjetividade diante das relações e da vivência artística acadêmica e afetiva. Apresento esse processo com o intuito de identificar as potencialidades do teatro enquanto ferramenta emancipatória, capaz de atravessar o sujeito em diferentes pontos dentro de uma mesma prática.

É visando apontar a pluralidade e a potencialidade do fazer teatral, que exponho algumas das vivências dentro da graduação que me aproximam da ideia de que a pedagogia e metodologias corporificadas são capazes de proporcionar toques e atravessamentos para além da exposição de informações. É através da abordagem do conjunto entre corpo, mente e cultura na perspectiva de direcionar o trânsito entre o corpo sensível, o corpo expressivo e a poética (MEIRA 2020) que essa pedagogia se desenvolve e atua no processo.

2.2 A trajetória que me fez professora

A disciplina de Estágio I ocorreu de forma online devido a Pandemia de Covid 19, foi ministrada pela professora Mariene Perobelli em parceria com o professor Tom Menegaz, que tinham como objetivo apresentar abordagens pedagógicas potentes que utilizavam do teatro e de outras propostas artísticas como ferramenta.

Em busca de exemplificar essas propostas nos foi apresentada a dissertação da professora Nélia Araújo, pedagoga da rede educacional na cidade de Uberlândia. A dissertação relata sua experiência de trabalho com crianças em uma escola, utilizando a abordagem da construção e relação com o autorretrato para potencialização do olhar para si mesmo e com o outro. Ao entrarmos em contato remoto com Nélia, vivenciamos uma troca de impressões, dúvidas, descrição de sentimentos e acontecimentos que ao final nos reverberou o desejo de experimentar o processo lido e compartilhado.

Realizamos durante a semana de forma individual o exercício da construção do nosso próprio autorretrato para ser compartilhado em aula.

Ao tentar pensar em caminhos para essa construção refleti muito sobre quais características físicas eu gostaria de ressaltar, como me relaciono com a minha negritude, com o meu corpo e cabelo. Nessa ação sempre me pegava em questionamento sobre a autenticidade da minha visão diante de mim mesma, me atentando que muitas vezes estava querendo ressaltar o que as pessoas diziam sobre mim e não como eu realmente me enxergava.

Gradativamente e conscientemente comecei a ligar as minhas características físicas e emocionais à minha terra, o espaço físico do município onde residi grande parte da minha vida e o que ele proporcionou na formação do meu eu.

A minha pele preta, quando ocupava esse lugar, sempre tinha mais contato com o sol enquanto brincava no quintal, praças e cachoeiras, se tornando ainda mais preta. A ligação com a ocupação desse espaço me traz afirmação, enquanto uma mulher negra, o quanto esse lugar está ligado à minha melanina e a forma afetiva que me relaciono com ela.

Os meus pés sempre mais grossos e enraizados por andar mais tempo descalça, meus cabelos mais esvoaçados, minha risada mais solta e a voz estridente.

Esse ambiente sempre me proporcionou liberdade para ir e vir, além do contato constante com a natureza. Ao desenvolver o meu autorretrato na sala de jantar da casa da minha avó, espaço que também conta muito de quem eu sou, considerei todas essas percepções e vivências, enquanto contava com a ajuda da mesma para a confecção, que se deliciava no processo junto a mim, pois enxergávamos juntas nos pequenos detalhes toda minha trajetória formativa.

Figura 1 - Processo de criação do autorretrato com o auxílio da minha avó



Fonte: Acervo pessoal

Fiquei durante algumas semanas muito impactada com os afloramentos da atividade em mim e esse movimento interno me fez desenvolver mais à frente outros autorretratos mais investigativos, tanto em movimentos de percepção pessoal quanto em questões de desenvolvimento técnico.

Já em Pedagogia do teatro III, alguns semestres à frente, ainda realizada por plataformas online em vista da pandemia e também ministrada pela professora Mariene Perobelli, investigamos os Griots, a potencialidade da ancestralidade, o poder das palavras, da comunicação e a contação de histórias como ferramenta pedagógica e investigação cênica.

O termo *griot* vem da palavra *guiriot*, em francês. Quando nos vinculamos a pesquisa dos Griots durante a disciplina, nós nos direcionamos a cultura Africana Ocidental em que esses são tidos como mestres contadores de história, cantores, poetas e musicistas, que carregam a intenção e missão de preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo. Existe nessa tradição e esteve no nosso direcionamento de pesquisa disciplinar a intenção de ressaltar a valorização da transmissão oral, trazendo alguns conceitos para dentro das nossas investigações criativas e narrativas. Retiro

para além dessa experiência e contato com a cultura Griot o contato investigativo pessoal e paralelo com a pedagogia griô.

A Pedagogia Griô é o projeto de Lillian Pacheco, escritora e educadora que tem como centro de sua pesquisa a educação biocêntrica, ou seja, tem como fundamento o respeito e a vida no centro das pautas de discussão.

“A pedagogia griô, criada por Lillian Pacheco, tem como referenciais teóricos e metodológicos a educação biocêntrica, de Ruth Cavalcante; a educação dialógica, de Paulo Freire; a educação para as relações étnico-raciais positivas, de Vanda Machado; a arte educação comunitária, de Carlos Petrovich; a educação que marca o corpo, de Fátima Freire; e é inspirada na pedagogia de todas as expressões culturais de tradição oral, principalmente de raízes afro-indígenas” (PACHECO: 2006, p. x).

Absorvo dessas fontes, conceitos que levo para o meu processo enquanto ser, enquanto artista e mais à frente levo ao processo metodológico. Enxergo no trabalho de Lillian Pacheco potencialidades que considero importantes para meu trabalho e de todos que se propõe a explorar ferramentas afetivas, cognitivas e sociais.

Quando me envolvo na introdução e investigação da Pedagogia Griô, faço ligações com a minha trajetória dentro da investigação da Cultura Popular, que tinha até então como foco principal de pesquisa revitalizar culturas e saberes por meio de trocas e buscas, pois este projeto pedagógico de Lillian Pacheco, dentro de suas práticas visa dar voz a comunidades, além de sugerir a ampliação do olhar dos sujeitos para as interseccionalidades.

Mesmo durante os vários recortes e mudança de foco ao decorrer da minha pesquisa (principalmente quando levada para experimentação em campo) vejo e proponho criar ligação entre a minha pesquisa e a Pedagogia Griô, em especial na busca pela experiência que parte da espontaneidade criativa, vivencial e comunitária.

Por isso, me aproprio dos conceitos investigados por Lillian Pacheco para ampliar a atenção ao indivíduo e ao indivíduo como coletivo, as relações intergeracionais, o trabalho com várias linguagens artísticas, o vínculo com a comunidade, troca de saberes e a aprendizagem que vem da relação entre as pessoas.

É a partir do encontro das referências trazidas pela professora Mariene para a turma e das minhas referências encontradas individualmente durante esse caminho que partimos em uma jornada identitária. Voltando ao relato da disciplina, durante as conversas que surgiam a partir dos textos lidos, vídeos assistidos e das experiências relatadas, pulsava no coletivo o desejo de vivenciar um mapeamento pessoal que resultou em exercícios pela busca da origem e escolha (quando foi escolhido, quem escolheu, qual o significado, etc.) dos nossos nomes. As experiências foram desenvolvidas durante as aulas a partir das lembranças e histórias de vida.

Para além disso surgiram compartilhamentos espontâneos sobre a forma que nos relacionamos e as potências que esses nomes exercem sobre nós, esses relatos surgiram em contações de histórias, poemas, desabafos, etc.

Ao acessar esses pontos, nos encaminhamos para ligação ancestral, interessados no que e em quem nos antecede, as influências que exercem sobre nós, os vínculos existentes e as raízes. Nos propomos junto ao auxílio e indicações direcionadoras da professora Mariene, a nos apropriarmos dessa ancestralidade montando árvores genealógicas individuais e compartilhando com a turma.

Esse processo investigativo abriu espaço para variadas camadas ao experimentar olhar para dentro de mim, para o outro que de alguma forma me atravessa e para o que deve ser honrado ou ressignificado.

Por fim, dentre várias outras construções, destaco o exercício de contação de histórias e o meu primeiro contato com o “construir” e contar histórias dentro de um contexto “artístico e teatral”. A proposição de contação de histórias surge da relação pedagógica com as nossas narrativas e desejos, tinha como indicação que criássemos nossas próprias histórias ou que nos apropriássemos e adaptássemos ao nosso modo de contar, de nos colocar em cena como artistas, professores e seres propagadores de potências.

Durante a realização da disciplina me interessei tanto pela ação de contar histórias, de contar as minhas histórias, que busquei me aprofundar mais.

Encontrei de forma online o curso de contação de histórias da atriz e contadora de histórias Morgana Rosa, no qual me inscrevi e participei em paralelo a disciplina. Durante o Workshop uma pergunta direcionadora me acompanhou:

“O que pulsa dentro de você”?

Por passarmos por esses processos no decorrer disciplina, me senti voltada a necessidade de contar a minha história e de algumas pessoas que fazem parte da minha formação, dando ênfase à família. No processo criativo encontrei como forma de apresentação e representação do que nos compõe e aproxima, o lugar físico que ocupamos ao longo das nossas vidas, a força da nossa relação com esse lugar, vivências e transições.

Sendo esse o caminho, Guarda-Mor foi o centro impulsionador, o lugar onde cresci e onde eu e todos os meus familiares temos raízes e histórias. Escolhi adaptar duas canções, Bacupari e Bicho Seda, do grupo Mina das Minas, sendo essas canções de memória afetiva. As canções relatam e descrevem com carinho, apreciação e reverência as características sob o olhar e vivências dos compositores das músicas nesse mesmo lugar.

A minha (primeira) história de mim.

Essa história é sobre como eu conheci um lugar mágico...

Um reino encantado!

Certa vez acordei feito nina de roça, saltei da cama nem lavei a cara. Moleca travessa!!

Brindei com a vida e parti sem medo...

No caminho pra um riacho pequenino, debaixo de um jacarandá avistei uma figura um pouco encurvada que dançava e assoviava sem parar uma melodia que soava assim: (melodia de Bacupari)

Fui me aproximando de vagar e em um momento essa figura me pareceu familiar. Eu gritei “EEI” e ela respondeu “Olá”.

Era a minha vó, consegue acreditar?

Perguntei confusa o que ela fazia ali, em sussurros disse que tinha um segredo pra me falar.

Você não vai acreditar no que ela me disse!!

É segredo, mas se você quiser eu posso te contar...

Essa é a melodia para abertura de um portal mágico, de um lugar que você não conhece. Bem longe do mar, mas bem perto do céu, tem um luar que dá pra contar as estrelas.

Às vezes no silêncio da noite, se você fechar os olhos e prestar bastante atenção consegue ouvir o cerrado soprando a canção do bicho seda:

2x: Lagarta bonita, borboleta dourada (melodicamente)

Nesse lugar não precisa ter sonhos, basta colher do que a terra nos dá:

Bacupari, araticum, mangaba, taioba, jambo, pitanga, pequi, azedinha e guariroba.

Você quer saber o que mais tem lá?

Lá tem o mel de jataí, a vida é doce sem igual, tem sabiá tem juriti, fruta fresquinha no quintal.

Tem vagalume que clareia, tem lua cheia, lobo guará, você sabia que um dia teve até tamanduá...

Lá nesse lugar não há nenhum lugar para tristeza, se você quiser eu posso te levar, pra ser feliz em Guatapará.

A criação dessa história possibilitou movimentos e revoluções internas em mim, foi a partir desse momento impulsionador que me permiti colocar minhas identidades e raízes por completo em meus processos artísticos e no meu processo emancipatório de reenraizar. Além do ato de criar, compartilhar também trouxe sentimentos e descobertas, ao trazer os meus atravessamentos e colocá-los em contato com o lúdico, a arte e a imaginação, me proporcionei me aprofundar na minha criança interior, a mesma que viveu todas essas experiências e que carrega os traços que me formam hoje.

Todo esse processo acontece nas disciplinas de Licenciatura, é através da formação enquanto professora artista que acontece parte da minha experiência.

Com isso afirmo que os atravessamentos que me trazem até aqui são o conjunto do mapeamento do meu percurso de experiências culturais, familiares e práticas formativas institucionais (Bourdieu, 1998), é a “costura de retalhos” que formam o meu eu (Hall, 2006), que está sempre em processo de mudanças e descobertas, agora sobre um olhar mais consciente dos processos (Lillian Pacheco, 2006).

Deste processo percebi que cinco tópicos que estavam contidos na minha experiência orientaram minha pesquisa autobiográfica voltada a investigação das Culturas Populares e das identidades:

- Eu;
- Lugar;
- Culturas e hábitos;
- Língua;
- Relações

O “resultado final” da disciplina, como já apontado, findou-se na construção de histórias. Surge também da trajetória dessa construção a relação com elementos cênicos e técnicos que possibilitaram que eu colocasse minhas particularidades de vivência e como artista (desbravando os tópicos citados) no processo.

Exemplifico essa afirmação através da minha experiência com a história do meu nome. Disponibilizo o link para o vídeo atividade, produzido para ser apresentado em aula, pensado, pesquisado e produzido perpassando por todos os cinco tópicos, carregado de simplicidade, mas repleto de mim.

https://drive.google.com/file/d/1cEpJs7VmV9du8J8h78iO_pmwLITXX72x/view?usp=sharing

O relato trás quem eu sou contado por mim, a partir de uma narrativa que antecede meu nascimento. Dentro da narrativa do vídeo apresento minhas particularidades linguísticas, a forma como me sinto confortável e representada, dentro da casa onde fui criada, no meu ambiente preferido (a cozinha). Pensar nessas características ultrapassam o conceito estético, está ligado a ferramenta teatral na ação do reenraizar.

3 CAPÍTULO 3 – MEU EU E O OUTRO: A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Afirmo que ter vivido essas experiências aqui relatadas, alimentou meu desejo de realizar uma experimentação teatral que buscasse dentro de suas práticas traçar caminhos autobiográficos. Para abarcar na construção consciente de qual processo seria desenvolvido, pensando nas minhas intenções, público-alvo, metodologia, temática, etc.; realizei um levantamento de grupos teatrais nacionais cujos trabalhos se aproximavam da minha proposição temática, a linguagem e Cultura Popular.

Escolhi nesse levantamento quatro grupos: Cia. Carroça de Mamulengos (CE)¹, Grupo Teatral Ventoforte (RJ)², Ói Nóis Aqui Traveiz (RS)³ e o Grupo Galpão (MG)⁴ e dois espaços de arte, cultura e educação: o Instituto Brincante (SP)⁵ e o Quintal da Aldeia (GO)⁶. Todos se aproximam e se vinculam ao meu desejo de trabalho ao trazerem para suas práticas e apresentações uma abordagem de narrativas que relatam identidades, tradição e a contemporaneidade, memória, teatro coletivo, diálogo com diferentes linguagens artística, celebração da riqueza da cultura nacional e a importância da sua diversidade e atividades que resultam em inclusão social, autonomia, expressão cultural e cidadania. É nesta perspectiva que utilizo do COMUFU como trabalho de campo e pesquisa, é a partir do estudo desses grupos que

¹ A Carroça de Mamulengos é uma trupe de formação familiar que há 40 anos apresenta sua arte para o mundo. Formada por brincantes, atores, músicos, bonequeiros, contadores de histórias e palhaços, a família de artistas já se estende à sua terceira geração, levando aos palcos diversas montagens teatrais.

² O Teatro Ventoforte nasceu em 1974, no Rio de Janeiro, alicerçado na cultura popular, principalmente nas danças brasileiras. Cresceu aprimorando técnicas de construção e manuseio de bonecos.

Estabeleceu uma estética própria de diálogos com o público, criando formas sensíveis para a fruição

³ A Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz é um grupo teatral brasileiro baseado em Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul. Desenvolve uma linha de atuação experimental e interativa, tendo um interesse central pela conscientização política do público, almejando a reforma da sociedade através de uma arte inquieta, inquisitiva e desafiadora dos cânones consagrados e das posturas cristalizadas.

⁴ O Grupo Galpão é uma das companhias mais importantes do cenário teatral brasileiro, cuja origem está ligada à tradição do teatro popular e de rua. Criado em 1982, o grupo desenvolve um teatro que alia rigor, pesquisa, busca de linguagem, com montagem de peças que possuem grande poder de comunicação com o público.

⁵ O Instituto Brincante é um espaço de conhecimento, assimilação e recriação das inúmeras manifestações artísticas do país, que tem como foco a pesquisa e a reelaboração da cultura brasileira.

⁶ O Quintal da Aldeia constitui-se desde 2003 como um centro de revitalização dos fazeres e saberes locais e renovação pedagógica. Contempla diferentes grupos e atores sociais em momentos de reflexão e vivências educativas, culturais, artísticas e esportivas, restabelecendo as relações comunitárias de aprendizagem – a educação comunitária. As atividades resultam em inclusão social, afirmação da identidade, autonomia, expressão cultural, cidadania, valorização da transmissão oral e geração de renda e possibilitam a busca de soluções criativas a partir do estreito convívio entre as diversas idades e suas famílias, fomentando seu protagonismo e contribuindo a médio e longo prazo para o fortalecimento de sua autonomia.

decido realizar oficinas que estivessem ligadas ao teatro comunidade na perspectiva de Baz Kershaw, que caracteriza a ação em teatro comunidade em atividades que partem das características do grupo de trabalho. Reconhecemos o teatro em comunidade,

“Sempre que o ponto de partida [de uma prática teatral] for a natureza de seu público e sua comunidade. Que a estética de suas performances for talhada pela cultura da comunidade de sua audiência. Neste sentido estas práticas podem ser categorizadas enquanto Teatro na Comunidade” (Kershaw: 1992, p.50 apud NOGUEIRA: 2019, p. 77).

Para a realização da oficina, como exigido pela disciplina de Estágio, formamos grupos, o meu grupo foi formado por três integrantes, Júlia Félix, Julia Mouza e eu.

Ambas as integrantes concordaram e se dispuseram a seguir a minha linha de pesquisa e propostas, auxiliando nas decisões gerais pedagógicas, atuando como rede de apoio também emergindo na experiência junto aos demais participantes.

Com o grupo de mediadoras formado e a temática decidida, cabia como próximo passo escolher o local e grupo de participantes a ser trabalhado. Dentre os locais e públicos com os quais tínhamos oportunidade de trabalhar, escolhemos o Centro Comunitário da Instituição de Ensino Eurípides Barsanulfo.

Visto que já havíamos tido um contato anterior com a instituição me sentindo próxima aos ideais pedagógicos, além da disponibilidade de materiais e espaço físico que colaborariam com o trabalho. Entendendo que o centro de convivência da instituição acolhe crianças e adolescentes da comunidade uberlandense para a realização de oficinas no período vespertino, o fato de a experiência acontecer com as turmas integradas, proporcionaria um grupo formado por diferentes idades e realidades.

A formação da turma que vivenciaria a experiência processual foi feita pela própria instituição, levando a criação de um grupo cuja idade variou entre 9 e 15 anos

A instituição dialoga com a pluralidade artística, com a integração do lúdico, criação de rede entre a família e a escola, valoriza a integração e participação da comunidade nas atividades, busca trabalhar com diversidade cultural, isso dentro de um espaço físico que também tem em suas características a intenção de criar acolhimento e explorar possibilidades.

O espaço físico é amplo e cercado por árvores, fator importante e pensado durante a escolha quando levado em consideração a intenção de um planejamento que buscasse sair do automatismo cotidiano comumente vivenciado no meio educacional e possibilitar vivências e descobertas, através de movimentações, investigações, canções, danças etc.

Foi definida anteriormente a estruturação do plano, o espaço para trabalho disponível (o interior de uma das salas de aula e o pátio/gramado), a faixa etária do grupo (de 9 a 15 anos) e que a quantidade de participantes presentes poderia oscilar semanalmente por não ser uma atividade obrigatória na grade curricular.

A estruturação do plano de oficina foi pensada a fim de propor através do fazer teatral, movimentações que ampliassem o olhar para as expressões e manifestações culturais dos participantes.

Com isso buscar mapear e ressignificar as experiências ao decorrer da vida e o reflexo dos atravessamentos ocorridos nas identidades desses indivíduos

presentes. Ao pensar nas proposições práticas, voltei o pensamento também para todos os conceitos levantados, sendo eles a troca e valorização de saberes, lugar de fala, ancestralidade e relações intergeracionais.

Crio o plano de oficina com o planejamento apoiado na minha experiência, espelhado ao meu próprio processo autobiográfico, voltado a investigação das Culturas Populares e das identidades, e estruturei tópicos a serem trabalhados durante a oficina que pontuam essas temáticas, sendo eles:

- Eu: A relação consigo mesmo, a maneira como me coloco e me manifesto no mundo;
- Lugar: Identificação dos atravessamentos que os lugares causam na identidade, considerando nacionalidade, regionalidade, experiências de migração, criação de raízes;
- Culturas e hábitos: Revitalização dos movimentos populares (músicas, brincadeiras, comidas, histórias, etc.);
- Língua: Foco na oralidade, valorização do sotaque, importância das palavras e suas diferentes significâncias e significados;
- Relações: A presença de interferências exteriores no “eu”, formação enquanto sujeito partindo das construções educacionais familiares, socioculturais e escolares.

É pela busca do espelhamento das minhas experiências, das lembranças e dos sentimentos que carrego comigo, que estruturei os tópicos e as propostas.

É pelo saudosismo e reverência das ações em comunidade, das grandes rodas para danças e orações, dos coros ecoantes durante as canções das novenas e os sertanejos que colocavam todos para dançar. É na busca da proximidade dos ensinamentos vividos nos momentos de partilha de conhecimento intergeracional durante a produção das gigantescas panelas de alimento para a comunidade.

O contato com o cheiro e a textura da terra que impregnava nas roupas e calçados (ou pés descalços) durante as brincadeiras embaixo das árvores e barracões. É a busca do sentir o que sou pela memória da experiência.

Esses tópicos possibilitam também um mapeamento importante para a criação da dinâmica de estar diante do que integra nossas identidades enquanto sujeitos.

Compreendendo que as identidades se baseiam em pontos de identificação social, política, racial, de classe, etc.; e com isso apresentar em práticas o conceito de que somos seres de identidades não fixas, mas que são atravessadas por experiências e fatores de impacto.

Através desses tópicos selecionei previamente atividades disparadoras e de variadas linguagens artísticas como pintura, músicas e danças populares, jogos teatrais, contação de histórias, jogos de improvisação, meditação e confecção de elementos visuais criando uma dinâmica investigativa de relação entre os sujeitos presentes e a comunidade com quem convivem.

3.1. A mediadora

Quando busco o espelhamento do meu processo dentro da oficina do COMUFU, compreendo e considero a minha trajetória. Um percurso que inicia com a experiência nas culturas e formações educativas que me atravessam e segue com o mapeamento e aprendizagem através práticas teatrais vivenciadas na Universidade. Identifico, portanto, para além das técnicas as minhas próprias narrativas que orientam a criação de propostas no fazer artístico que, por fim, levaram ao desenvolvimento de uma estruturação de trabalho que visa possibilitar caminhos formativos para outros indivíduos.

Com os planos de oficina e de aulas estruturados, voltei o olhar para me entender, então enquanto responsável por uma experiência emancipatória e de reenraizamento dentro de uma comunidade a qual não fazia parte. Uma primeira questão orientou meu olhar neste momento: qual é o meu papel e a minha posição nesse processo enquanto artista, arte educadora e indivíduo externo na trajetória dos participantes?

Para responder, aprofundi o meu olhar novamente para o meu processo formativo acadêmico, chegando as conclusões citadas a seguir e que acredito que possam ser levadas em consideração quando aplicadas tanto por mim, quanto por outros em possíveis outras experiências.

Para que esse processo seja explorado, inicialmente precisamos apontar para os demais adeptos desse processo metodológico o papel do mediador

(professor/oficineiro) nessa proposta, pois é a partir de seus estímulos e orientações que a experiência acontece.

O mediador de antemão deve estar em um processo de vulnerabilidade mútuo com os participantes da experiência, pois também faz parte dela, e caso não estejam alinhados e expostos a experiência se torna inviável, assim como traz Larrossa “Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe” (2002. P.6).

O mediador deve se expor vivenciando a experiência e compreendendo a importância da clareza de que, apesar da potência de descobertas e reafirmações, esse não é um processo terapêutico e sim artístico - criativo com potenciais sensíveis. A partir disso pensar nas suas próprias experiências buscando o que lhe tocou até o momento presente, para que possam estar trabalhando juntos, corpos vivos, inteiros e sensíveis.

Quando penso e proponho esses conceitos dentro da experiência, busco estimular movimentações artísticas que possibilitem a criação, exposição e investigação, tendo como material disparador os repertórios culturais e identitários dos indivíduos presentes. Acontece através do lúdico e dos atravessamentos cotidianos, por meio de danças, músicas, brincadeiras e jogos; e do corpo, as emoções, ideias e conhecimentos manifestados no teatro dentro de uma rede de apoio e trocas.

A corporalidade dá espaço para que aconteça a materialidade daquilo que flui no indivíduo, e a sensibilidade é o olhar ampliado, o processo de mapeamento dos atravessamentos e das identidades de maneira afável. Pensar em uma pedagogia corporificada e sensível, como provoca Meira (2021), é buscar dentro desse processo a percepção do espaço e do outro. Uma movimentação que dê liberdade e apoio para o livre observar e experimentar, considerando poder desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos a cada sujeito, de forma que juntos, mediadores e indivíduos presentes na experiência, possam realizar buscas e apresentar possibilidades de caminhos.

Apontando essa estruturação e sua potência, torna-se essencial trazer para essa experiência o corpo de professor e o corpo de artista. Nesta concepção é importante acolher e valorizar a experiência cultural do professor em sua trajetória de artista e agente cultural. No caso desta pesquisa, a pesquisadora viveu experiências junto a folia de reis, festas de padroeira

(novenas), músicas regionais (mineiras), vivenciando também dos costumes interioranos de transmissão oral por meio da contação de causos e histórias, brincadeiras e jogos na rua.

Meira (2005), delineou um caminho possível para o desenvolvimento de um educador que tem objetivos de lidar em suas aulas com diferentes aspectos culturais, no caso, as experiências em culturas populares e a formação acadêmica do professor-artista de teatro. Para a autora, o processo envolve as ações de experienciar, aprender e criar nas diferentes perspectivas culturais e, neste processo o professor encontra o seu modo de ensinar inserindo nas práticas os encantamentos, a troca de saberes e a ativação de corpos lúdicos, vívidos e dinâmicos das culturas. Percebo a partir das vivências do grupo, levando também em consideração os apontamentos acima, o levantamento dos aspectos culturais do grupo e das práticas artísticas selecionadas e propostas pelo mediador que somos capazes de criar a ambientação espacial, mental e sentimental, habilitada a alcançar a experiência.

Acionados todos esses recursos, dentro desse processo de reenraizamento e reafirmação identitária, se faz necessário pensar paralelamente e pontuar: qual a percepção de identidade que queremos proporcionar?

Busca-se proporcionar a consciência de que as identidades são realmente "(...) algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento" HALL (2006, p. 38), está sempre em processo de formação e transformação. Considerando a questão, propor práticas e ações que visem para além da experiência, a consciência e o saber da experiência.

"Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado a existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência". (LARROSSA, 2002 pag. 27)

Para que a arte seja capaz de abrir a malha social e revelar coisas que estão no campo ao nosso redor, é preciso se colocar atento ao processo, criando diálogo entre os interesses, selecionando recortes e mapeando as carências. Ao pensar nessa construção de formação do professor mediador, logo encaminho o olhar para as pedagogias. Quando proponho apenas a estrutura de procedimentos, fica em aberto quais atividades abordar, isso possibilita uma grandiosidade de possibilidades de trabalhos que dialoguem com as necessidades que surgem de cada grupo.

Essa proposição flexível, que transita em diversas fontes e técnicas dialoga com a bricolagem, que Neira (2012) traz como um meio que permite que as circunstâncias deem forma aos métodos empregados, ampliando as possibilidades de exploração.

“No campo da pesquisa educacional, Kincheloe (2006) seguiu um raciocínio semelhante ao definir a bricolagem como um modo de investigação que busca incorporar diferentes pontos de vista a respeito de um mesmo fenômeno”. Em trabalho posterior, Kincheloe (2007) ampliou essa definição ao dizer que bricolagem é uma forma de fazer ciência que analisa e interpreta os fenômenos a partir de diversos olhares existentes na sociedade atual, sem que as relações de poder presentes no cotidiano sejam desconsideradas. Adotando uma postura ativa, a bricolagem rejeita as diretrizes e roteiros preexistentes, para criar processos de investigação ao passo em que surgem as demandas”. (NEIRA, 2012, p.4)

Torna-se possível, então, e de grande potência, utilizar recursos que interliguem as linguagens artísticas e possibilite a transposição de culturas e conhecimentos, por meio de danças, músicas, ritos, atividades e símbolos produzidos na experiência individual e coletiva, a fim de assim acionar o processo de afirmação de consciência das diversidades que nos atravessam, dos meios e construções sociais. Pensar em se posicionar como um mediador/professor bricoleur é estar ciente, como traz Neira (2012, p. 5), de que

“Apesar de sua multilogicidade, fazer bricolagem implica selecionar métodos, estratégias e referenciais teóricos. (...) O bricoleur, nas palavras de Denzin e Lincoln (2006, p. 18), é (...) um indivíduo que confecciona colchas [...] que utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance”.

Isso exige novamente do mediador abertura e sensibilidade para lidar com o surgimento do novo e instigar posturas ativas para que, ao se colocarem como seres presentes, os praticantes possam reconhecer e questionar (processo de

mapeamento), trocar ensinamentos e vivências tecendo uma colcha de saberes. Considerando que o fazer do professor-artista-pesquisador é um processo ativo, interativo, que perpassa pela história, biografia, gênero, classe social e etnia do sujeito em ação.

4 CAPÍTULO 4 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O desenvolvimento estrutural desses procedimentos artísticos teatrais em busca de uma reafirmação identitária, perpassa por um processo de ressignificação, transitando entre o desejo de espelhamento de experiência dentro de uma oficina para o desenvolvimento de um processo metodológico construído a partir de percepções da prática.

Quando trouxe os conceitos dentro da oficina voltados ao foco da identidade relacionada a Cultura Popular, criei a expectativa de que os participantes estabeleceriam uma relação com as manifestações culturais que partiam da minha experiência, o que de certa forma inicialmente acabou privando o encontro desses, com outros caminhos mais potentes, que faziam sentido para aquele grupo e que partia de uma realidade que não dialogava com a minha.

Por isso, ao decorrer dos oito encontros (com duração de três horas cada encontro) de oficinas realizadas no projeto do COMUFU, considerei e coloquei em prática os levantamentos pedagógicos e conceituais estudados, elaborados e organizados nas temáticas apresentadas, possibilitando que as propostas fossem se moldando e tomando novos significados, isso ocorre ao perceber que a minha proposta de espelhamento a partir da minha investigação da cultura popular não coube no grupo. Não aconteceu a identificação dos integrantes da oficina às minhas experiências culturais e conhecimentos estéticos e poéticos, proporcionando a então experiência que trago apresentada por Larossa, sendo a abertura aos riscos nas relações.

Foi necessário adaptar o planejamento à realidade do grupo. A experiência de mediação exigiu tomadas de decisões durante o processo, em meio ao desenvolvimento do plano. Foi feito, então, um recorte de temática e redirecionamento de foco, voltado agora para as identidades, para o reenraizamento identitário.

O termo reenraizamento vem da minha busca pela reafirmação das minhas identidades, reenraizar nesse processo é fazer com que a experiência dos participantes também esteja inserida no meu mapeamento cultural e identitário e paralelamente o enraizamento (etapa de descobertas) dessas crianças e adolescentes. Reenraizar é um processo circular, onde aprendemos sobre nós, reafirmamos nossas experiências e possibilitamos esse ensinamento ao próximo, é uma experiência infinita, pois estamos sempre em movimentação e modificação.

As referências das culturas populares foram entendidas como parte de meu processo pessoal, e não couberam por inteiro no processo da oficina. A experiência da prática nos proporcionou não só as mediadoras, mas ao grupo enxergar o caminho a ser seguido, quando colocam dentro das propostas os seus desejos, assimilações e necessidades, redirecionando o foco para reenraizamento identitário ao invés de seguir com as experiências culturais.

Mesmo com a ressignificação e redirecionamento do foco da temática a estrutura ainda segue os caminhos da minha experiência, pois é através dela que busco proporcionar a experiência de reenraizamento. Para criar ligação entre a minha experiência e proporcionar a dos indivíduos envolvidos nesse momento, retiro das práticas as minhas manifestações culturais que carrego das culturas populares da minha experiência, sendo esses, as tradições que vem por meio das festas rurais, contação de causos, músicas (que se aproximam da vivência rural e sertaneja), a pronúncia e a significância da oralidade.

Por outro lado, mantenho os elementos formativos por trás, a identidade cultural permanece por meio dos ritos, da coletividade, da sonoridade e da relação com o ambiente.

Em sua maioria por meio de jogos e brincadeiras de roda (brincadeiras infantis investigadas e sugeridas pelas mediadoras e pelo grupo), criamos o espaço coletivo. Por meio das repetições de jogos cênicos e combinados diários criamos situações ritualísticas.

Ao trabalhar a musicalidade integramos junto as músicas que carregamos da infância, músicas que se aproximassem das vivências trazidas pelo grupo sendo a capoeira, o samba de coco, o congado, transmitindo conhecimentos e fazendo associações culturais e identitárias, gerando relações entre as múltiplas identidades ali presentes.

A oralidade se manifestou nas práticas por meio de contação e criação de histórias, na integração e investigação com a família e a comunidade na busca de fatos, relatos e mais histórias.

Junto a essa percepção vem o entendimento do meu caminho metodológico bricoleur, é por meio da ressignificação do planejamento após as práticas, que compreendo o dia após dia de oficinas, ser o caminho viável e mais próximo das minhas propostas e desejos. Reconheço que para além das referências que eu reúno em minhas propostas como professora de teatro, seguir a metodologia bricoleur é me manter em atenção às novas configurações que as referências iniciais tomam junto à experiência que se desenvolve nas relações dentro do grupo. Como uma mediadora em estado de vulnerabilidade, mantenho minha sensibilidade atenta para as transformações que o processo coletivo nos apresenta.

É por meio dessas compreensões que o planejamento e práticas passam a visar proporcionar aos integrantes do grupo em processo de reenraizamento, um processo de experiência, consciente e investigativo diante das subjetividades, considerando instigar também por meio das práticas, movimentos decoloniais, surge assim o desenvolvimento do processo metodológico.

Quando surge como parte da experiência uma mudança de foco, ocorre também mudanças nas terminologias antes estabelecidas.

As terminologias são divididas em tópicos que antes eram estruturados como: “Eu” nas relações consigo mesmo, “Lugar” no mapeamento da identificação e experiência nos lugares, “Culturas e hábitos” na busca pela revitalização dos movimentos populares, “Língua” com o foco na oralidade e as “Relações” que visavam compreender a interferência do exterior no “eu” e a partir do novo direcionamento os tópicos visam ser trabalhados e explorados em novas (complementares e com ressignificações) perspectivas.

- Eu

O “eu” deixa ser apenas pensar sobre si a partir de definições que nos são impostas e se torna parte de propostas que buscam a investigação de si diante da sua própria perspectiva, tendo essa investigação a partir das suas relações e particularidades físicas, comportamentais, culturais, sociopolíticas e raciais.

O tópico “eu” surge nessa experiência da minha vivência com o autorretrato e quando posto em prática nas oficinas se propõe a explorar por meio do próprio autorretrato, da investigação da própria posição na árvore genealógica (por meio de outra estrutura), da investigação da história do nome, da produção de bonecos e projeção de características físicas, desejos e percepções na narrativa desse elemento e de meditações guiadas a relação consigo mesmo. Como eu me enxergo? Quais lugares ocupo? Como me coloco em diferentes lugares? O que me forma e como reajo a isso?

Foi uma das possíveis maneiras encontradas para aprofundar a percepção do sujeito diante da sua forma de se manifestar no mundo, buscando ampliar a percepção de seus lugares de fala, suas potencialidades e possibilidades enquanto indivíduo. É uma passagem pela consciência das interseccionalidades que nos formam.

Esse tópico não se ressignifica, ele se engrandece ao acrescentar em sua estrutura de investigação novos lugares de potência do indivíduo os quais geralmente não damos tal valor e atenção, assim como na minha experiência, o tópico “eu” está sujeito a desbravar camadas.

As práticas propostas buscam em seus resultados dar voz e ampliar as relações com o íntimo, permitindo que o indivíduo se coloque em estado de observação e investigação a partir das próprias percepções, partindo de dentro para fora e de fora para dentro. Pontuando em sua narrativa pessoal a intimidade e a abertura para afetividade consigo mesmo, quebra de conceitos e empoderamento da sua presença nos lugares que ocupa.

As imagens apresentadas a seguir, dentro das diversas produzidas foram selecionadas para estarem em exposição nesse trabalho com o critério de identificação processual e identitário.

O processo de autorretrato trouxe nesses casos a relação com etnia, com a cultura popular da comunidade do indivíduo e o posicionamento de olhar para si além das formações sociais impostas ao decorrer da construção de nossas identidades. Todas as produções realizadas tiveram sua importância aos participantes, ao processo e as mediadoras, porém estes aqui apresentados atravessaram a minha experiência com uma potência avassaladora no meu processo de reenraizar.

Figura 2 - Resultado do autorretrato realizado na oficina do COMUFU



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 3 - Resultado do autorretrato realizado na oficina do COMUFU



Fonte: Arquivo pessoal

A atividade foi realizada no primeiro encontro com a turma. Após um exercício de sensibilização por meio da meditação guiada, onde as crianças e adolescentes se dispunham deitadas em contato com o chão da sala, guiadas por disparadores vocais imagético inseridos por nós (mediadoras) e do toque pelo próprio corpo, foram disponibilizados materiais diversos e a produção poderia ser feita conforme o desejo de cada um, considerando as características físicas percebidas através da atividade anterior e da percepção de si mesmo diante dos seus gostos, estilos, desejos, formas, cheiros e cores.

Os resultados apresentados acima trouxeram logo de início as relações do grupo com questões raciais representadas nas cores, nos cabelos e nas fisionomias. Trouxe também as relações culturais por meio da capoeira, que mais a frente perceberíamos não se tratar apenas da dinâmica do jogo para o grupo, mas que estava ligado a religião, a comunicação do grupo e as raízes familiares de alguns indivíduos.

Através do espaço disponibilizado para a liberdade de se mostrar quem é, as formas escolhidas para o autorretrato apresentaram para além das características físicas, assim como o esperado, os participantes presentes se posicionaram diante das percepções de si no mundo.

• Lugar

O lugar é baseado na linha de definição de Stuart Hall que afirma que

“(...) nos termos daquilo que Giddens (1990) chama de separação entre espaço e lugar. O lugar é específico, concreto, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldam e nos formam e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas” (HALL, 2006, p. 72)

O lugar é sobre onde criamos raízes e as carregamos por onde formos, traz a ideia de pertencimento ou identificação. Conhecer a sua relação e, se possível, de seus ancestrais com os lugares ocupados, transitados e enraizados durante a vida é se reenraizar a partir da ideia de que precisamos saber de onde viemos, para saber para onde vamos.

Dentro das nossas práticas, a investigação do “lugar” esteve voltada a atividades que possibilitassem o contato com lugares que fizeram parte da experiência desses indivíduos.

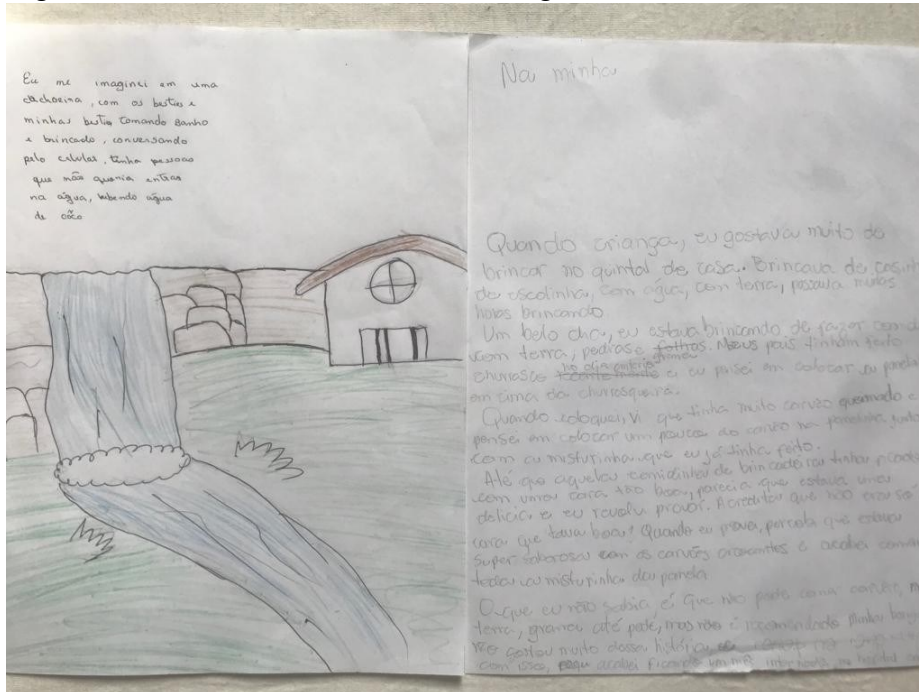
As práticas aconteceram por meio de meditações guiadas com a intencionalidade de agir como uma viagem imaginária, explorando o lúdico, o resgate de memórias e a formação de novas, investigando por meio das meditações e contações de história.

Dentro das práticas também foram inclusas ações com a família para mapeamento desses lugares, desenvolvimento de atividades com mapas, link de mapas entre os participantes, troca de histórias e criações visuais a partir da investigação da memória.

Tais ações carregaram também relações comunitárias e relações entre as redes culturais, além de transpassar relações afetivas, aproximação e identificação entre o grupo e o sujeito, surgimento de dúvidas (de onde viemos, por que migramos, em qual lugar nos encontramos e quais nos distanciamos) que resultaram em novos conhecimentos enquanto a territorialidade, nacionalidade, ancestralidade e identificações sociais.

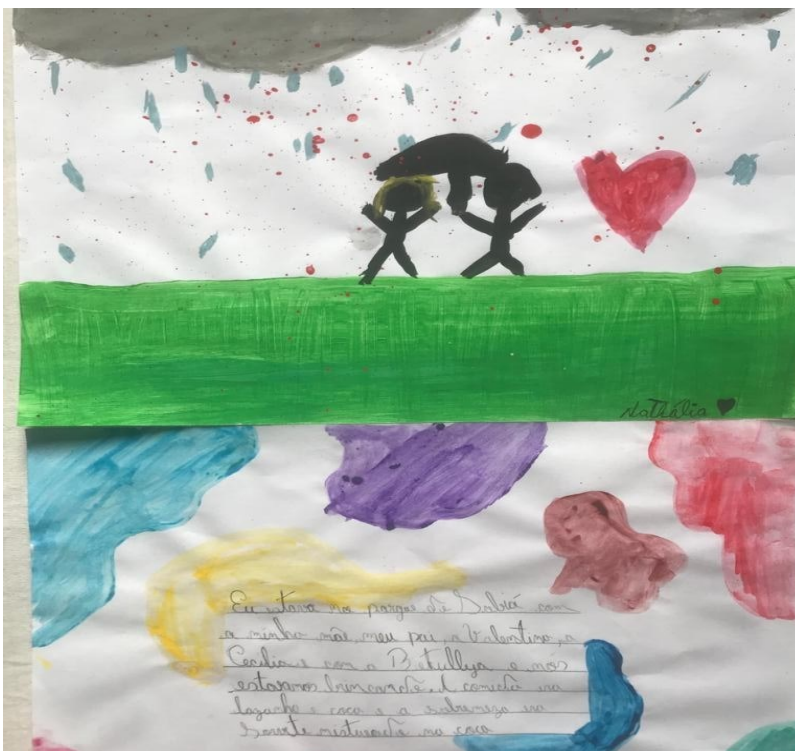
Por fim, a ligação com o lugar é o mapeamento da ligação com o físico, mental e espiritual, pois esses mesmos lugares também ocupam (de forma grandiosa) partes da nossa identidade.

Figura 4 - Resultado da atividade imagética e memorial



Fonte: Acervo pessoal

Figura 5 - Resultado da atividade imagética e memorial



Fonte: Acervo pessoal

As imagens acima trazem diferentes caminhos traçados na transposição dos resultados apesar de partirem da mesma proposta, revelando mais uma vez particularidades de cada indivíduo.

São apresentadas nessas imagens, desejos, gostos, apreços, ligações afetivas com pessoas e lugares, representados nas potencialidades das cores, traços e sensações de clima e cheiro e na sensibilidade das palavras sinceras.

- Culturas/hábitos

As culturas e hábitos visam proporcionar a relação com o lugar e a ancestralidade, mapeando esses meios a fim de compreender como se relacionam e como afetam na nossa identidade e nossa forma de lidar com o meio exterior que nos cerca.

Por isso é através de propostas que proporcionem ligação intergeracional, aproximação com a rede comunitária, familiar e educacional gerando troca de saberes e vivências que a experiência acontece nesse tópico. Experimentando através da fala, do corpo presente e das memórias.

Aqui as narrativas, histórias, estórias e memórias são as principais ferramentas a serem exploradas. É a relação do real com a exploração do lúdico que torna a prática sensível e o viver potencializado, abrindo espaço para interculturalidade.

O desenvolvimento da atividade de mímese foi uma das alternativas selecionadas para abordar o tópico das culturas. Foram disponibilizadas várias imagens com diferentes contextos, entre eles a vivência rural, danças circulares/ciranda, povos indígenas, samba e outros. Os participantes poderiam escolher qual mais se identificavam para poder realizar o exercício. A prática de mímese corpórea é uma metodologia de ações físicas e vocais desenvolvida pelo LUME Teatro⁷, buscamos dentro das nossas propostas a transformação e recriação do corpo através da observação, sendo ela de imagens, momentos e outros corpos.

Dentro dessa atividade o trabalho de corpo trouxe instantaneamente a sensação de pertencimento, aconchego e deslumbre por quem assistia e quem realizava. A dinâmica de investigar através de uma imagem algo com que se identificavam gerou interesse, troca, associações e relatos de vivências entre o grupo. Surgiam

⁷ É um centro de pesquisa teatral, cujo foco de atenção é o trabalho do ator, sua técnica e sua arte. Dedicar-se a elaborar e codificar técnicas corpóreas e vocais de representação, redimensionando o teatro como uma arte do fazer e o ator como um artesão que executa ações.

dos relatos vivências familiares, encontros e desencontros culturais relacionados a hábitos cotidianos individuais e da comunidade, que se interligavam na musicalidade, religião, alimentação, forma de se relacionar.

Os relatos surgiram de forma espontânea e isso possibilitou que a troca fosse rica e respeitosa, o mapeamento pessoal se transformou também em uma investigação comunitária, entrelaçando e fortificando raízes.

Figura 6 - Atividade a partir da mimesis corpórea



Fonte: Acervo pessoal

Figura 7 - Atividade a partir da mimesis corpórea



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 - Atividade a partir da mimesis corpórea



Fonte: Arcevo pessoal

- Língua

A língua assim como culturas e hábitos, passa pelo mapeamento e é responsável pelo momento de aproximação e abertura para a expressão verbal. Tem como objetivo investigar linguagens, sotaques e significados que se assemelhem ou distinguem, reafirmando as significâncias e as origens.

Vai para além da ação de falar, está relacionada a se expressar, dar lugar de fala, sentido ao que nos acontece, visa dentro das práticas “(...) ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso”. (LARROSSA, 2022, p. 2)

Essa investigação busca dar sentido afetivo as palavras com que nomeamos o que somos, a forma como pensamos, aos sentimentos, passa pelo sentido caminhando para a significância.

A língua esteve sempre relacionada aos outros tópicos durante a realização das demais propostas, por meio das canções, de atividades investigativas em que analisamos e exploramos os modos de falar (sotaque, timbre da voz, “gírias”, projeção e intenção) do grupo e de pessoas selecionadas do ciclo social dos participantes da oficina.

Na busca de trazer propostas práticas de forma artística e lúdica acabamos voltando muitas vezes para a ação de contar histórias, pois através dessas histórias os indivíduos se identificavam, descobriam e se posicionavam através da fala.

O sotaque, timbre da voz, a repetição de gírias e bordões, a projeção de voz e a intenção colocada nas falas carregava as particularidades de cada um e permitia que em muitos momentos os participantes se identificassem a partir disso, criando, brincando e se relacionando, se posicionando diante do mundo e de si mesmo.

A prática de criação e confecção de bonecos, assim como o autorretrato, deu liberdade para que os participantes pudessem se expressar e projetar suas particularidades. Ao finalizar a confecção pedimos que os participantes retomassem a exercícios vocais e corporais realizados anteriormente em outros encontros, para que pudessem compor as características dos bonecos criados.

Para acionar os registros consideramos outras questões como, quem é esse boneco? De onde ele veio? Para onde ele vai? Como ele se comporta? Como é sua relação com as pessoas? Como é o lugar em quem esse boneco reside? Como anda? Como fala?

Pensando nesses pontos nos posicionamos em círculo e abrimos um momento de contação livre, onde surgiram apresentações breves e diretas, histórias com narrativas criadas, elaboradas e longas, e histórias em que a narrativa do boneco era espelhada em seu criador.

Figura 9 - Construção de bonecos e contação de história



Fonte: Acervo pessoal

Figura 10 - Construção de bonecos e contação de história



Fonte: Acervo pessoal

Figura 11 - Construção de bonecos e contação de história



Fonte: Acervo pessoal

Figura 12 - Construção de bonecos e contação de história



Fonte: Acervo pessoal

É possível observar a partir das imagens selecionadas a cima o processo de disposição, produção e contação das histórias realizadas com os bonecos confeccionados, junto ao deslumbre dos participantes em estar realizando esse movimento de exposição de si a partir de recursos diferentes dos cotidianos comuns.

- Relações

As relações fazem parte de um aprofundamento na proposição e integração por meio da ecologia dos saberes, essa sugere práticas emancipatórias, “Habermas (1993) sustenta que a prática educativa deveria ser compreendida no sentido mais abrangente possível, abrigando processos de formação social, cultural e científico, em todos os espaços onde acontecem, rompendo a lógica educacional tecnicista. O autor nos convida a compreender a educação como prática formativa de sujeitos históricos, membros de um grupo social e, simultaneamente, cidadão ativo de um contexto político mais amplo” como traz Oliveira, M. S. (2018, p. 21). Passa a ser também nesse processo a relação interativa entre o grupo, entre o indivíduo e o social.

Busca a reafirmação/reenraizamento dos nossos acontecimentos enquanto sujeitos de identidade móvel no mundo, passa a ser a ideia de que somos seres de identidades fragmentadas, com muito a compartilhar e receber.

Se nos abirmos para contemplar nossas fragmentações diante do social, racial, classe, gênero etc.; conseguimos dialogar com nossas identidades enquanto sujeitos pertencentes a comunidades possibilitando o vínculo entre o que nos atravessa e aproxima, ou entre o que nos atravessa e afasta. Está nessa ação toda a beleza, compreender nossas subjetividades que em algum momento se cruzam, nos aproximam e nos atravessam, podendo nesse caminho dar voz a tradições e ressignificar outras.

Enxergo que através das experiências vividas e relatadas durante esse mapeamento das oficinas, o que guiou o processo de enraizamento do grupo de participantes (e o reenraizamento das mediadoras) foram diversas temáticas. Estava nas brincadeiras, estava nas canções (na ação de cantar), no movimentar pelo espaço aberto e sempre se encontrava no coletivo pela capoeira.

A capoeira estava presente no cotidiano de todo o grupo trabalhado, pois realizavam essa ação durante outra oficina. Era através dela que o grupo

comungava, trocava, se espelhava, foi através dessa ação que se identificavam muitas vezes em nossas práticas.

A relação se fez presente aqui, quando o grupo foi capaz de identificar em nossas proposições características e caminhos que se associavam ao movimento em que eles se identificavam e a partir disso ressignificamos juntos as propostas dando a elas novos significados e significância. Os movimentos físicos da capoeira passaram a compor as práticas, assim como o movimento social em que os mais velhos estavam sempre dispostos a ensinar os mais novos (e vice-versa), em que havia respeito pela fala de cada um, pelo momento de cantar e dançar e se fez presente também na resistência de se posicionar e na alegria de se fazer presente.

Figura 13 – Jogo de capoeira.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 14 – Jogo de improvisação.



Fonte: Acervo pessoal

Figura 15 – Jogo de improvisação.



Fonte: Acervo pessoal

Assim como apresentado nas imagens o tópico visa por meio das proposições artísticas teatrais levantar e apresentar movimentações culturais capazes de cruzar conhecimentos e ignorâncias possibilitando desconstruções e reafirmações que encaminhem. As propostas trouxeram aproximação física e emocional voluntária do grupo, as dinâmicas e jogos teatrais aproximavam através do lúdico e dos movimentos culturais mapeados novos olhares e disposição dos corpos no lugar.

Ao olhar para essa trajetória enxergo que as Culturas Populares me guiaram até o meu processo de reenraizamento e ao meu desejo de compartilhar e vivenciar a experiência, foi por meio da Cultura Popular que mapeei os meus atravessamentos. Quando deixo de dar foco a ela e direciono as identidades, estou considerando a experiência vivida na oficina, estou buscando dar impulso para que os indivíduos ali presentes se reafirmem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos trilhados até aqui são desenvolvidos por meio de relações, descobertas, compartilhamentos e trocas. Quando penso no meu processo não sou capaz de abandonar ou invalidar nenhuma etapa, visto que é a partir da investigação e olhar aprofundado sobre cada uma que se desenrola essa pesquisa. Por isso enxergo e proponho durante as práticas uma estrutura pedagógica e metodológica aberta para novos caminhos e diferentes linguagens, pois desejo que essa rede de comunicação e descoberta alcance as pessoas, seguindo suas necessidades, desejos e afloramentos.

Pensar nessas etapas formativas enquanto professora que refletem nas minhas percepções cotidianas e sociais, me fez durante o processo de pesquisa e ainda me faz questionar o quanto em nossa grande maioria estamos perdidos em relação a nós mesmos, enquanto sociedade e os lugares que ocupamos.

Vivemos, mas não nos permitimos contemplar o que nos atravessa e faz parte do nosso processo formativo, não nos atentamos as marcas que carregamos de nossa ancestralidade, transitamos por diversos espaços e não nos permitimos enxergar a potencialidade dos lugares em nossas identidades. Temos cores, histórias, traços e conhecimentos diversos que devem ser ressaltados e contemplados, valorizando a pluralidade e diversidade das diversas culturas que formam nosso povo.

Ao desenvolver esse processo metodológico carrego a frase “transformar primeiro em mim, meus pensamentos”, compreendendo que esse movimento se faz necessário, pois como artista e educadora preciso estar ciente de onde vim e dos caminhos que quero trilhar, para estar em sintonia com a minha proposta e proporcionar tal experiência aos outros.

Quando dentro da minha pesquisa redireciono o foco da Cultura Popular e faço o recorte para o reenraizamento identitário e as identidades dos participantes das oficinas, coloco a partir da experiência com as práticas realizadas na oficina alguns questionamentos. O recorte de temática se deu pela necessidade de adaptação a realidade e necessidades do grupo, então este é um processo metodológico que funciona em diferentes redes comunitárias? Por ser desenvolvido através de um espelhamento de experiência a sua potencialidade é a mesma em grandes cidades e interior? Se retomo dentro de outras experiências a atenção a Cultura

Popular estou invalidando o processo já vivenciado ou faço do experimento uma nova experiência?

Considero esses questionamentos para a continuidade do desenvolvimento dessa pesquisa, pois tenho como foco proporcionar a experiência da busca e reenraizamento consciente da identidade para diferentes grupos sociais, a fim de revitalizar culturas, reconhecer e respeitar a voz e o lugar de fala dos indivíduos considerando seus caminhos, criando redes de ensinamento e aprendizagem através do teatro.

Mais do que o mapeamento da biografia do sujeito, percebo esse processo metodológico como caminho para se fazer capaz de proporcionar ressignificações e trilhar novos caminhos, é uma oportunidade de se desprender de estruturas de opressão e cuidar do que a partir de então te atravessa, dando

importância a todas as questões e se posicionando de forma presente diante de si mesmo.

REFERÊNCIAS

ARTE EM TRÂNSITO COLÉGIO DE APLICAÇÃO JOÃO XXIII: Palestra de encerramento do evento Arte em Trânsito: Colcha de Saberes. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=PV1BdJhgi5o&t=3894s>

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) 2.ed. Rio de Janeiro, ed. Bertrand Brasil 1998.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro- 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LAROSSA, Jorge. **Notas sobre a experiencia e o saber de experiencia**. Abr 2002.

MEIRA, Renata. **A Pedagogia Corporificada: ensinagem sobre o corpo sensível e poético nas artes da cena**, 2020.

MEIRA, R. B. Experienciar, aprender, criar e ensinar. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 4, n. 1, 2007.

NEIRA. M. G.; LIPPI. B. G. **Tecendo a colcha de retalhos**: a bricolagem como alternativa para pesquisa educacional. - Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 607-625, ago. 2012.

NOGUEIRA, M. P. **Tentando definir o teatro da comunidade**. DAPesquisa, Florianópolis, v. 2, n. 4, p. 077-081, 2019.

Oliveira, M. S. (2018). **Reflexões sobre a ecologia dos saberes na prática educacional**: A arte como possibilidade de emancipação. *SCIAS - Arte/Educação*, 1(1), 64–77.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia griô**: a reinvenção da roda da vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

APÊNDICE A - RELATÓRIO DE TRABALHO DE CAMPO

Universidade Federal De Uberlândia - IARTE

COMUFU – Centro Educacional Eurípides Barsanulfo

Esse é um relato de experiência da realização de oficina teatral para comunidade durante a disciplina de Estágio III.

O primeiro passo foi a junção do grupo de oficinas, durante uma conversa informal percebemos alguns interesses que se atravessavam nas áreas de pesquisa, principalmente sobre a necessidade de aplicar no fazer teatral metodologias e práticas que proporcionassem reflexões e atravessamentos sobre a identidade (conhecimento sobre o eu).

Então a formação da equipe ministrante se firmou em 3 integrantes, composta por Julia Félix, Julia Mouza e eu (Isabel Roza).

A segunda etapa foi a escolha do público e o espaço a ser trabalhado, a escolha desses dois fatores surgiu da indicação do espaço comunitário do Centro Educacional Eurípides Barsanulfo, feita pelas Julia's que estagiariam nesta mesma instituição no semestre anterior. A escola é um espaço com princípios religiosos que integra e incentiva a arte, o brincar, o contato com a natureza e as relações humanas.

Neste espaço a instituição conta com um centro comunitário que recebe alunos da comunidade para realização de práticas extracurriculares, nos propomos a este lugar pela necessidade da escola de oficinas e estagiários para cumprir horários de atividades com esses alunos, junto as nossas vontades e interesses.

Inicialmente a proposta de planejamento tinha como objetivo o contato com adolescentes e jovens, mas nos foi dada a indicação de que teríamos que trabalhar com turmas diversas, formando um único grupo com a faixa etária de 8 a 15 anos.

O espaço físico do Centro Educacional foi um atrativo para nossa escolha, um prédio fragmentado com salas razoavelmente espaçosas, com poucas carteiras e uma vasta área externa de gramado e algumas árvores, que nos proporcionariam momentos essenciais de contato com a natureza.

Primeiro encontro:

Chegamos na escola por volta de 13:00h, as salas do centro de convivência estavam todas ocupadas com outras atividades e nesse primeiro momento houve o conflito de espaço e horário com as nossas atividades, pois os alunos iriam *tomar passe**.

Após combinar com as demais professoras, conseguimos nos conciliar e achar um espaço para o trabalho. A última sala do corredor do centro de convivência, sala com apenas algumas carteiras escoradas na parede, uma lousa e um armário com materiais.

Enquanto os alunos tomavam passe, aproveitamos para organizar nossos materiais e repassar as atividades. Logo depois as Julia's também foram tomar o passe, optei por ficar na sala e me concentrar nos meus propósitos para a aula do dia.

De pouco em pouco os alunos foram chegando na sala, em uma mistura de receio e empolgação nos cumprimentaram e foram se aconchegando no espaço. Ao irem se instalando observaram que estávamos sem sapatos, automaticamente sem precisar de comando foram ficando descalços, alguns poucos não se sentiram confortáveis. Indicamos que seria bom, mas não obrigatório.

Ficamos um pouco assustadas com a diversidade de idades da turma (de 8 a 15 anos) e número de alunos presentes.

Começamos a aula em círculo para os exercícios de apresentação.

“Fruta do conde, caqui, jerimum

Água da fonte, ipê, urucum

Seu nome é?

O que você mais gosta de fazer?”?

Esse exercício nos proporcionou logo de início uma avaliação de personalidade e energia de cada aluno.

Os grupos de amizade se mostraram visíveis no círculo, as “panelinhas” estavam lado a lado, apesar de aparentemente todos os alunos se relacionarem de forma positiva entre si.

Antes de dar início expliquei que faríamos um acordo que valeria para todos e todas as aulas, durante nossas práticas de teatro prevaleceria o respeito, ninguém deve ser interrompido ou julgado. Todos de acordo, seguimos.

Durante a canção de apresentação tivemos por diversas vezes a situação de um dos alunos interromper a vez do outro, então relembramos em conjunto a única regra fixa das aulas.

Os alunos foram se mostrando (cada um dá sua maneira) empolgados em se apresentar, a ideia de falar sobre seus gostos foi motivo de orgulho entre eles. Outro ponto que chamou a atenção, foi o entusiasmo de se apresentar e ter um outro amigo em sala que compartilhasse do mesmo nome.

*“Gosto de ficar com meus amigos” “gosto de caminhão, eu sei tudo de caminhão”
“gosto de jogar bola com meus amigos” “gosto de jogar capoeira” “De sair pra comer com os meus pais”*

As palmas da música estiveram presentes durante todo o exercício e o canto aos poucos foi se soltando, pela confiança e pela adaptação de aprendizagem da música.

Partimos para o alongamento, a ideia era propor movimentos fluidos que aquecessem e relaxassem o corpo ao mesmo tempo.

Quando propus que fizessem uma automassagem houve um estranhamento repentino, mas logo se permitiram, ainda com estranhamento. Em seguida os exercícios de alongamento foram um pouco mais complicados de se realizar, a sala estava apertada para a quantidade de alunos se locomoverem. Houve momentos de dispersão, tivemos de intervir nos posicionando corporalmente, mas todos participaram.

“Tia, pra que serve isso?”

Ao fim estavam realmente aquecidos.

Fomos para a proposição dos jogos teatrais:

1: Estabelecemos a dinâmica fixa de pular corda.

Apesar de alguns alunos ficarem receosos em participar foram impulsionados e incentivados uns pelos outros, ao se acertar os demais vibravam de orgulho.

Ao fim, uma das alunas em tom de afronte e revolta me perguntou:

“Só quem acerta ganha alguma coisa? Não vai parabenizar quem tentou, não?”

Eu respondi que havia acabado de dizer “parabéns” a todos e que não precisava ficar chateada, tínhamos outras aulas para que todos conseguissem acertar o pulo, ela aparentou ter se conformado e seguimos para a próxima atividade.

Neste momento percebi a necessidade de atenção e de aprovação da turma, principalmente individual, pois quando não acertavam se mostravam frustrados não pelo erro, mas pela necessidade de demonstrar para nós que eram capazes.

- Antes de dar seguimento fizemos o combinado de que em todas as nossas aulas teríamos 2 guardiões.
 - Guardião da memória: Responsável por “anotar” todos os acontecimentos do encontro para lembrar a turma no encontro seguinte.
 - Guardião do recado: Responsável por lembrar a turma durante a semana dos “deveres de casa” que seriam tragos na semana seguinte.

Todos ficaram muito animados com a ideia. Escolhemos os guardiões da semana e seguimos.

2: Propusemos o jogo do *cumprimento/bom dia*, as indicações foram feitas pela Julia Mouza que em alguns momentos teve de demonstrar e reexplicar pois nem todos conseguiram entender no primeiro momento, esse foi o momento em que nos atentamos na necessidade de mais sensibilidade e pudor na escolha de atividades e comandos devido a discrepância de idades.

O exercício não funcionou bem, os comandos foram se perdendo e os movimentos se tornaram agressivos, vazios e exagerados. Os mais tímidos se sentiram recuados na hora da realização dos toques e os mais desenvoltos usavam dos movimentos para empurrar, apertar, criar conflito de alguma maneira.

Além dos comandos de cumprimentos, buscamos reforçar a atenção com o espaço, a sua ocupação e como se movimentar aproveitando suas características. Outra questão que se perdia, mas sempre que retomada por nós era ouvida.

Tivemos de reforçar mais uma vez a questão do respeito com o outro e com nós, professoras.

3: Intervalo

O intervalo teve início de maneira repentina, a professora que acompanha a turma entrou em sala, colocou uma bacia com o lanche e as crianças logo começaram a se dispersar.

Além de lancharem (em uma euforia gigante), os alunos aproveitaram do momento para conversar, entre si e direcionando questões a nós.

“Tia, sabia que eu já fiz teatro? Me manda fazer uma emoção”

“Tia, em quem você vota”? “A gente vai brincar de mais alguma coisa?”

“Vocês vão vir sempre”?

Entre essas conversas sempre surgia alguém interessado nos instrumentos em cima da mesa, alegando saber tocar ou simplesmente pedindo permissão para tentar.

O intervalo acabou e em uma bagunça generalizada os alunos se dividiam entre correr para o círculo de boca cheia (ainda mastigando), empilhar seus pratos na mesa de canto ou ignorar completamente o que estava acontecendo.

Aos poucos a J. Mouza foi instruindo para que eles caminhassem pelo espaço, que houvesse uma instauração de presença. Por causa da movimentação intensa e da volta repentina para as atividades, os comandos não estavam sendo bem atendidos.

Percebi que seria necessário usar de outros recursos, optei por usar o pandeiro como marcação para os comandos e propus movimentações que exploraram velocidades, pausas e níveis, e fui reduzindo aos poucos a movimentação até conseguir a atenção e presença de todos.

4 - De volta com todos em sala e presentes física/mentalmente o próximo jogo foi “gato e rato” jogo que aprendemos durante uma de nossas aulas de improvisação na UFU com a professora Maria de Maria. A escolha desse jogo foi associada ao trabalho em equipe do grupo, percepção e aproximação com o jogo infantil tradicional “cabra cega”.

Gato e rato:

Dois jogadores ficam vendados dentro de um círculo formado pelo resto da turma.

O primeiro jogador é o gato, que tem a missão de achar o rato utilizando e apurando a audição e o tato.

O outro jogador é o rato, que tem como objetivo escapar das garras do gato. O rato acompanha um objeto que reproduza sonoridade (chocalho, pandeiro...) e deve fazer barulho quando solicitado pelo gato.

Obs: O gato pode solicitar que o rato faça barulho durante 3 vezes.

Obs 2: O círculo tem função de limitar o espaço, guiando os jogadores corporalmente para que não ultrapassem o limite.

Assim que as regras foram explicadas por mim, surgiu um alvoroço de vozes e mãos levantadas implorando para que pudessem participar no meio (como gato e rato), a escolha foi feita levando em consideração quem ainda não havia participado como “destaque” nas atividades anteriores.

Os alunos que participavam como barreira demoraram um certo tempo para entender que a sua função também era importante, assim como o silêncio para que o jogo pudesse funcionar da melhor forma.

Com o desenvolver, eles foram se atentando e cobrando respeito entre si.

Depois de 4 ou 5 rodadas resolvemos encerrar e colocar a brincadeira como uma das possíveis atividades fixas ou que retomariamos no decorrer da oficina.

5- A próxima atividade seria a produção de um autorretrato, baseado no trabalho da *professora Nélia Araujo* o intuito do exercício era proporcionar um olhar ampliado e sensível dos participantes sobre eles mesmos, considerando suas cores, cabelos, fisionomia e a diversidade que permeia em cada um na nossa nacionalidade, a mistura de características e histórias presentes em nossos traços e a maneira como lidamos com elas.

A atividade visual deveria ser criada a partir da percepção dos próprios alunos sobre si mesmos, suas características físicas, sobre seus gostos, representações e representatividades, a forma como se viam e se posicionavam no mundo. Para isso seria necessário que houvesse bastante sensibilidade e abertura na realização.

A turma estava tão eufórica pela atividade anterior que não me parecia ser uma boa ideia entrar direto neste exercício sem antes uma preparação física e emocional.

Para acalmar o corpo e a mente, além de introduzir a proposta, pedi que se espalhassem pela sala e se deitassem de uma maneira confortável, que fechassem os olhos e respirassem fundo.

O trabalho de respiração seguiu pedindo atenção a velocidade da respiração e ao estado corporal que ela causava, em seguida fizemos uma respiração guiada e desacelerada.

Para entrar no caminho do autorretrato a indicações foram de um apalpamento e toques sensíveis por cada pedaço do rosto/cabeça, considerando a textura da pele, largura e tamanho do nariz, tamanho dos olhos, orelhas, cílios, boca... uma busca tátil e imaginativa sobre si mesmo.

Após a sensibilização por meio do tato a indicação foi de que imaginassem as suas feições a partir do que sentiram no toque e que construíssem uma imagem deles mesmos a partir da sua própria ideia e “visão”, deixando de lado todas as percepções que já vieram de outras pessoas.

Pedi para que ainda de olhos fechados se virassem lentamente para o lado e que em posição fetal sentissem sua presença por alguns segundos, quando confortáveis e prontos para se levantar, fossem em busca dos materiais necessários e escolhidos por eles para a produção dos autorretratos.

Assim que a grande maioria dos alunos já estavam se locomovendo para pegarem os materiais, percebi que um deles estava em um sono profundo, era um dos alunos que desde o início da oficina estava inquieto e de alguma forma havia interferido na produtividade das atividades. A sensibilização o atravessou de alguma forma, então pedimos que o deixasse lá por mais alguns minutos.

Ofertamos como materiais: tintas, pinceis, folhas e flores, gravetos, glitter, lápis de colorir, retalhos, EVA, barbante.

PRODUÇÃO: De início a queixa mais persistente foi sobre não saber desenhar bem.

Explicamos que o intuito era trazer para a obra características que te fizesse ser quem é, podendo usar dos materiais ou fazer um desenho livre.

Com um pouco de tempo, incentivo e auxílio manual os resultados começaram a surgir. A busca por aprovação da nossa parte também se fez presente e contornamos essa

situação produzindo junto a eles e mostrando que cada um deveria ter seu modo de fazer e se apreciar, sem julgamentos.

Ao final estavam todos orgulhosos do trabalho feito, compartilhando entre si os resultados e alguns dispostos a fazer outras produções.

Fomos encerrando a atividade com calma, mas com uma certa agilidade por causa do horário. Todos se dispuseram a colaborar na organização da sala e dos materiais.

Fizemos um círculo para a avaliação do encontro.

Perguntei receosa sobre a participação se alguém gostaria de falar, questionar ou propor alguma coisa, surpreendentemente grande parte da roda levantou a mão para falar.

Tivemos resposta como:

“Eu nunca venho na sexta, mas vou vir toda sexta agora” “Foi a melhor aula que a gente já teve aqui” “Foi muito bom, fiquei muito feliz” “Achei muito legal fazer teatro”

Deixamos a tarefa de que pesquisassem em casa a origem dos seus nomes.

Observações gerais sobre o encontro:

- Foi perceptível a relação de cuidado entre eles, os mais velhos cuidando e orientando os mais novos, o que em diversos momentos nos deu segurança e apoio para trabalhar. Só seria necessário determinar limites nessas interferências.
- Os alunos se interessaram muito pelos instrumentos musicais
- Estavam abertos a todas as atividades, mesmo que fossem entrando gradativamente.
- O espaço foi pequeno para a realização de atividades práticas.
- Atividades com contato físico devem ser bem intermediadas para que haja segurança nas brincadeiras e as propostas não fujam para lugares “agressivos”.
- Existe uma grande necessidade de que sejam vistos e escutados.



Figura 1 - jogo do cumprimento



Figura 2 – Autorretrato

Encontro II: Retomada do EU + brincadeiras populares + introdução ao LUGAR

O segundo encontro aconteceu em uma tarde de segunda-feira (31/10/22), pois na sexta anterior a grade de horário da escola foi reduzida e não conseguiríamos realizar nossa oficina.

Chegamos na escola receosas em como seria o dia de trabalho considerando o tempo/clima. Dia abafado com pancadas fortes de chuva.

A aula havia sido programada para uma exploração e pesquisa intensa corporal, o espaço externo era onde desejávamos ocupar, por questões de espaço (levando em consideração a aula anterior), contato com o ar livre e relação do espaço com as brincadeiras propostas. Nossa realidade foi encontrar parte dos alunos em sala de aula com portas e janelas fechadas.

Entramos e trocamos de lugar com a outra professora que estava acompanhando a turma, a sala estava abafada e nem todos os alunos presentes (estavam em uma outra sala), fomos recebidas com abraços e perguntas afobadas sobre quais seriam as atividades do dia.

“Oi tia, o que vamos fazer hoje”? “Hoje vamos brincar de gato e rato”? “Eu sei a história do meu nome, já posso contar”?

Fomos acalmando os ânimos e nos colocando presentes no ambiente, orientando os alunos que tirassem os sapatos, abrindo ao possível as janelas, ligando os ventiladores e organizando os materiais e carteiras no espaço para que houvesse o máximo de aproveitamento possível.

Nos organizamos em roda e a Julia M. sugeriu que fossemos massageando os pés enquanto aguardávamos os outros alunos chegarem, junto a massagem fomos conversando e tirando as dúvidas que nos “atropelaram” no início.

Aos poucos os alunos foram chegando, dessa vez alguns outros que não haviam participado anteriormente e outros rostos já conhecidos, esses automaticamente foram tirando os sapatos e se juntando a nós.

Demorou alguns minutos para que conseguíssemos construir um círculo presente.

Antes mesmo de iniciar o cronograma alguns alunos tiveram que se retirar da aula para irem ao ensaio de uma peça que seria apresentada na escola no dia seguinte, o que foi o suficiente para dar abertura para uma breve dispersão e espaço para um dos alunos iniciasse uma série de incômodos no grupo (empurrões, cutucões e falta de respeito com as falas alheias).

Fizemos algumas respirações guiadas e nos sentamos em círculo para dar a palavra aos guardiões.

De acordo com o prosseguir da fala da guardiã da memória, vários comentários foram atropelando a sua fala, fazendo com que me surgisse a ideia de emergência de uma “tampa da palavra”. A tampa tinha o objetivo de dar voz para quem estivesse em sua posse, fazendo com que os outros aguardassem a vez.

Com um certo esforço a ideia funcionou. Surgiu inesperadamente um relato da história do nome, que fez com que os outros já ficassem esbaforidos para contar também. Para não perder a ordem e aproveitando do momento da fala demos sequencia nos relatos.

As histórias foram contadas com intenções que variaram entre orgulho, um certo receio em se expor e empolgação. Nem todos participaram pois não haviam se lembrado de perguntar ou não estavam presentes anteriormente.

O exercício de contar a história do nome funcionou também como uma apresentação sobre quem eles são/eram sob um outro ponto de vista, e a forma como elas foram pronunciadas por cada um também disse muito sobre suas essências e histórias.

Começaram nesse momento a se aprofundar na relação do EU.

- Alongamento + cantigas

Após encerrar as narrações e as conversas partimos para um trabalho mais físico e corporal. Propus alongamentos que trabalharam junto a respiração, em um exercício de expansão e consciência sob o corpo/mente.

Aquecidos, pedi para que formassem uma fila para retomarmos o exercício da corda.

“Tia, eu treinei em casa”

A formação da fila foi rápida, mas barulhenta e conflituosa em alguns pontos, ao pedir atenção e concentração da turma na realização do exercício apenas o aluno que já havia tumultuado anteriormente continuou o alarde, agora com movimentos de empurrões, chutes e palavras agressivas. Ao questionar o que estava acontecendo houveram várias acusações entre os alunos por perto. Solicitei e lembrei a “regra” do respeito, que nesse caso se aplicava a todos pela falta de atenção e organização.

Seguimos, e conseguimos que todos os alunos passassem pela corda 2 vezes, a aluna que havia relatado seu treino conseguiu passar em uma das tentativas e se mostrou extremamente feliz, assim como os outros, até mesmo os que não conseguiram se mostraram empenhados e dispostos a tentar.

Ao encerrar, relembramos por meio de uma conversa franca e apelativa pelo respeito durante as aulas, que o espaço “É um espaço de aprendizado, troca e precisamos de colaboração para que a gente consiga realizar todas as atividades do dia e não acabe sendo um ambiente maçante.”.

Corpo aquecido, ritual realizado, propus que fizéssemos um aquecimento vocal.

Trabalhamos brevemente e de forma simplificada com os ressonadores no peito e cabeça, os alunos ficaram bastante empolgados ao conseguirem perceber as vibrações. Aquecemos com o trabalho de vogais e oscilação de altura da voz.

Conseguimos ótimos resultados, considerando o empenho e a atenção.

Em seguida a proposição feita por mim foi a cantiga de roda do Cirandeiro:

“Ô cirandeiro, ô cirandeiro ó

A pedra do teu anel, brilha mais que ouro e sol

Ô cirandeiro, ô cirandeiro ó

A pedra do teu anel, brilha mais do que o farol”

Em uma estrutura de coro e corifeu ou puxador/versador, cantamos repetidas vezes em diferentes situações.

Experimentamos realizando movimentos de dança, movimentando a roda em direções opostas e intercalamos palmas e canto.

De início houve um pouco de receio por parte deles em cantar, os movimentos saíram um pouco embaralhados, mas aos poucos as vozes foram se soltando e os movimentos se tornando mais orgânicos.

Precisamos de algumas repetições para que conseguíssemos instaurar a intenção e a atenção, além de proporcionar prazer na realização. Ao fim estavam empolgados e satisfeitos com o que conquistamos juntos, em cada cantinho havia um cochicho que ressoava a melodia ou a letra da cantiga.

Ao fim da roda fizemos uma pausa para o lanche, sendo combinado respeito com o alimento e com quem estivesse comendo, ao finalizar o lanche sentaríamos em círculo novamente. Aqui frisamos a nutrição do corpo, da mente e do espírito, introduzindo no ritual alimentar respeito pelo processo de chegada do alimento até o prato e o momento de conexão de cada um.

Considerando que o lanche havia sido um alimento um pouco pesado e respeitando a digestão dos alunos, propus que fizéssemos um exercício de respiração e percepção do estado do corpo. Foi um momento interessante quando solicitei que as mãos acompanhassem a respiração tocando as costelas, muitos foram investigando as oscilações e os movimentos sem que precisassem de instruções, houve realmente um momento de percepção e auto avaliação.

Dando um pouco mais de ritmo demos sequencia voltando ao exercício já inserido no encontro anterior, de caminhada guiada na busca da relação do corpo com o espaço, explorando variações de ritmos, velocidades, planos, expansão e contração, enraizamento e apoio dos pés e agora adicionando pausas com “poses”, imagens que deveriam ser formadas pensando em todas as variações já exploradas.

Pedi que escolhessem uma das imagens e memorizassem. Fizemos um círculo e em duplas simultaneamente deveriam mostrar suas imagens, logo após o grupo escolhia uma forma de composição das imagens das duplas.

Surgiram várias “pontes”, movimentos de capoeira e referências a futebol, ao longo das amostras os alunos já pré-combinavam como seria a demonstração estética das poses. As duplas começaram a surgir de acordo com interesses, gostos e “habilidades”.

Partimos para as brincadeiras. Os jogos e brincadeiras escolhidas para o encontro (escravos de jó, me dá um cantinho e gato e rato) foram selecionados pensando em

trazer e provavelmente apresentar para os alunos novas propostas, mas que vem de um repertório de gerações anteriores.

As brincadeiras foram conduzidas pela Julia F.

A primeira brincadeira foi “me dá um cantinho”, apresentada a mim pela minha vó. As instruções foram passadas da seguinte maneira:

“ Vamos ficar em círculo e teremos um participante no meio, ele vai ter que escolher pessoas que estão na roda e fazer o pedido “me dá um cantinho? ”, o outro vai responder “vai pedir pro seu vizinho”. Enquanto ele pede por um cantinho, as pessoas devem se comunicar por olhar e trocar de lugar, tentando chegar a tempo do participante do meio não perceber e tomar o lugar de um dos dois.

Quem perder o lugar vai para o meio da roda”

Um dos alunos grita: “Tia, já brinquei disso com a minha vó”

Respondi que também havia aprendido com a minha.

As instruções foram claras e todos entenderam, mas durante as rodadas o anseio em se movimentar foi tão grande que muitas vezes esqueciam de realizar o trabalho visual e uma certa confusão se formava, abafando a fala e o propósito de quem estava no meio.

Repetimos as instruções mais algumas vezes, nos colocando também em jogo como forma de orientação, as vezes acontecia, mas logo se perdia.

Finalizamos para partir para a próxima brincadeira, a maioria insistiu para que continuássemos, combinamos de retomar um outro dia com mais espaço e marcações.

Muito aclamado e solicitado durante todo o decorrer da aula finalmente chegamos no momento do jogo do rato e gato.

Julia F. relembrou e apresentou as regras para os alunos “novos”, logo o círculo estava formado, mas a turma eufórica em um embate para decidir que dupla iria primeiro e assim seguiu durante toda a brincadeira. As duplas foram sendo escolhidas pela Julia seguindo a lógica de quem ainda não havia participado anteriormente.

Tivemos de parar diversas vezes para chamar atenção sobre o barulho, falta de respeito e atenção com quem estava no meio do círculo, com isso o correr da brincadeira durou

mais que o esperado. Dessa vez optamos por deixar que todos participassem mesmo com curto tempo.

Uma observação especial sobre esse momento foi de que, havia entre os alunos uma forma de abordagem grosseira que pedia por silêncio para que o jogo continuasse, mas através dos nossos (oficineiras) olhares sem precisar dizer uma palavra as formas de se referir ao outro foram ficando mais gentis. O ambiente do jogo se tornou mais afetuoso e incentivador e a brincadeira começou a deixar de ser um espaço de competição, para um espaço de pura diversão.

Por volta de 16:30 os pais de alguns alunos começaram a chegar.

A meditação do dia foi feita pela Julia M., uma meditação guiada buscando ao tempo de acalmar os ânimos, levar a construção do trabalho imaginativo dentro do conceito de “lar”.

A meditação tinha como objetivo proporcionar que os alunos buscassem uma relação com um espaço físico criado por eles, sendo esse espaço um lugar de conforto, acolhimento, alegria e presença. Claro que a passagem visual desse espaço poderia ser criada ou reconstruída a partir das referências reais da vida de cada um, contando que houvesse a sensação de enraizamento e um sentimento de vínculo entrelaçado a esse espaço.

Estava acontecendo uma outra atividade com crianças do lado de fora da sala, havia muitos gritos e músicas, o que não contribuiu com a concentração, mas com o decorrer da imersão conseguimos que se atentassem e se disponibilizassem ao exercício.

Ao fim, agradecemos pela aula e pela presença, reforçamos a necessidade de atenção e respeito e relembramos os guardiões do próximo encontro.

Como forma de avaliação solicitei que escrevem em uma palavra, frase, poema, texto, etc; sensações e opiniões sobre o encontro vivenciado, que seria para ser entregue na aula seguinte, mas como ainda havia um pouco de tempo conseguimos que fizessem naquele momento mesmo.

Ficaram felizes com a ideia de poderem opinar de forma livre. Recebemos todos os feedbacks e nos despedimos.

Encontro III:

O terceiro encontro aconteceu na sexta-feira da mesma semana (04/11/22), o dia combinado para que nossa oficina acontecesse.

A estruturação do plano de aula foi pensada com a ideia de retomar a práticas do encontro anterior e apresentar novas proposições no seguimento.

Trabalharíamos então com as brincadeiras populares, cantigas de roda, contação de história e narrativas pessoais.

Ao chegarmos em sala de aula passamos pelo mesmo momento da sexta anterior. As sextas possuem o momento exclusivo para que os alunos “tomem passe”. Aguardei na sala com alguns alunos enquanto as Julia’s também foram receber o passe com a turma na sala ao lado.

Enquanto eu aguardava fui me preparando, repassando minhas intenções e me colocando em estado de presença enquanto dividia minha atenção com uma aluna que ainda não havia frequentado nossas aulas.

Ela estava cheia de perguntas e anseios sobre as atividades que faríamos e com o receio de que nunca havia feito teatro. Me apresentei, pedi calma, expliquei que trabalharíamos em conjunto e que seria divertido, logo ela foi conversar com suas amigas em um canto e eu continuei no meu momento de preparação.

Em alguns breves minutos a Julia M. chegou em sala organizando uma turma em círculo, então fomos formando a roda no centro da sala, uma roda que se refez algumas vezes com a chegada e saída de alunos em sala. Conseguimos compor o círculo e iniciei a aula com exercícios de mobilidade corporal.

Alguns alunos disseram que não participariam da aula, pedimos para que se sentassem nas cadeiras e que observassem a aula em silêncio.

Seguimos. Nesse momento percebi que alguns alunos em específico estavam com uma carga de energia elevada e mente dispersa, resultando em tumulto. Para poder lidar com isso, esses alunos foram usados como exemplo a cada exercício, ficando ao centro da roda virando “destaque” e assim se colocando em presença.

Corpos aquecidos, partimos para o ritual da corda. Como havíamos tido “problemas” de desatenção e enfrentamento por parte de um aluno citado nas aulas anteriores,

decidimos que ele ficaria sempre ao nosso lado nos auxiliando, como forma de incentivo e “controle”, então ele seria responsável por bater a corda neste momento.

Solicitei que fizessem uma fila em ordem de tamanho (do menor para o maior), afim de que se atentassem em seus próprios corpos e nos outros, rapidamente a fila se formou e iniciamos. Os alunos se mostraram dispostos a avançar no desafio de forma conjunta, mas também propondo desafios pessoais, acrescentado movimentações na hora de pular.

Considerando a animação e o empenho decidi acrescentar outra movimentação e em seguida numa segunda fila cada aluno teria 10 pulos, podendo escolher a velocidade da corda, os movimentos e a intensidade.

Foi um momento proveitoso, pois todos se atentaram no exercício, admirados uns com os outros e demonstrando apoio. Tivemos também um revezamento de batedores e contadores de pulos.

Em seguida voltamos a roda para que pudéssemos ouvir a fala dos guardiões, mas logo que nos sentamos o lanche chegou e os alunos rapidamente se dispersaram para ir comer. Neste encontro sem que precisássemos introduzir a fala sobre organização e respeito pelo alimento, o ambiente se mostrou mais calmo e atencioso.

Voltamos aos poucos do momento do lanche e tentamos uma breve respiração para acalmar os corpos e as mentes aceleradas.

Nos sentamos novamente e voltamos a palavra aos guardiões. Assim que os guardiões foram falando outras pessoas queriam complementar, então usamos novamente a “tampa da fala”.

Relembramos a última aula que serviu de orientação para os alunos novos e ponto de partida para as próximas atividades.

Relembramos as brincadeiras superficialmente, os exercícios corporais, algumas falas e a cantiga do Cirandeiro, que logo que citada foi criando ritmo e forma, lembrado exclusivamente pelos alunos que criaram maior afinidade.

Após a roda de diálogos, nos locomovemos para a área externa da escola para que pudéssemos realizar as cantigas e brincadeiras.

Eles ficaram animados e felizes com a ideia de um novo ambiente.

Um dos alunos veio contente perguntar se havíamos lido a sua carta de avaliação da aula anterior, onde ele havia pedido para que pudéssemos realizar atividades do “lado de fora”, respondi que sim e que seria muito interessante se ele participasse (ele estava entre os alunos que não quiseram participar do encontro).

Os espaços externos estavam preenchidos pelos raios de sol, a única árvore “disponível” não comportava em sua sombra a quantidade de pessoas presentes. Então dividimos a quadra da escola com uma turma que participava de uma aula de educação física, o canto da quadra era coberta pela sombra de uma outra árvore, nos instalamos ali.

A primeira atividade foi a retomada da cantiga do cirandeiro, eu e “M” (uma aluna) fomos as puxadoras, retomamos os versos e a coreografia. Rapidamente já estávamos prontos para aprender novos versos e passos da cantiga.

“Mandei fazer uma casa de farinha

Tão maneirinha que o vento possa levar

Ô passa sol, ô passa chuva, ô passa o vento

Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar”

Foi fluido de maneira muito potente a entrega no canto. Os movimentos ainda não conseguiram atingir 100% de segurança, mas era visível que para a grande maioria a ação estava sendo prazerosa.

Usamos da cantiga como artifício para aquecimento corporal e vocal.

Além das cantigas retomamos a brincadeira do “me dá um cantinho”, que dessa vez com um espaço mais amplo e os alunos já integrados com a regras funcionou muito bem.

Percebi que em uma próxima vez seria interessante fazer marcações no chão para cada jogador.

Em seguida a Julia F. organizou e orientou a brincadeira. A primeira brincadeira selecionada foi “Escravos de Jó”.

Ao selecionar as duplas e fazer a marcação no chão, algumas manifestações sobre já conhecer a brincadeira surgiram, então, a funcionalidade foi explicada de forma corporal. Eu, Julia F. e quem mais sabia, fomos exemplificando na prática.

Escravos de Jó (versão "tira, põe")

Versão popular na região de São Paulo.

“Escravos de Jó, jogavam caxangá.

Tira, põe, deixa ficar...

Guerreiros com guerreiros, fazem zigue zigue zá,

Guerreiros com guerreiros, fazem zigue zigue zá.”

Com a marcação de um X no chão, as duplas se movimentam de acordo com a marcação de te ritmo e letra da música.

A cada rodada as duplas se alternavam, afim de que pudessem experimentar, aprender e ensinar de forma conjunta.

Passamos para o jogo seguinte, aproveitando as marcações no chão do jogo anterior.

Realizar a explicação da dinâmica desse jogo foi um pouco confuso e complicado, havia muito barulho vindo da turma ao lado e entre os nossos alunos.

Ao conseguirmos um pouco mais de atenção resolvemos explicar novamente por meio de exemplificações com os próprios alunos.

“Casa, coelho, terremoto”

Divididos em grupos de três pessoas, deve sobrar um jogador do grupo total que ficaria ao meio. Cada grupo deve ter 2 paredes (que formam a casa) e 1 coelho (morador). As paredes devem ficar de frente uma para a outra e dar as mãos, o coelho deve ficar entre as duas paredes.

O ministrante do jogo deve gritar uma das três opções:

1 – Coelho!!! – Todos os coelhos trocam de casa, devem sair de uma “casa” e ir para a outra. As casas devem ficar no mesmo lugar e a pessoa do meio deve tentar entrar em alguma “casa”, fazendo sobrar outra pessoa.

2 – CASA!!! – Dessa vez só as casas trocam de lugar, os moradores ficam parados.

Obs: As paredes devem trocar os pares. Assim como no anterior, a pessoa do meio tenta tomar o lugar de alguém.

3 – TERREMOTO!!! – Todos trocam de lugar, quem era casa pode virar coelho e vice-versa.

Obs: NUNCA dois moradores poderão ocupar a mesma casa, assim como uma casa também não pode ficar sem morador.

Exemplificado e explicado, seguimos para a prática. No início alguns se mostraram um pouco perdidos, mas logo foram entendendo a dinâmica.

Observamos em vários momentos a dificuldade das “casas” ao se locomoverem em identificarem os “coelhos”, então adicionamos a regra de que os coelhos ao ficarem sem casa deveriam levantar as mãos.

O espaço um pouco limitado também resultou em pequenos conflitos, mas ao final a dinâmica do jogo já se mostrava mais clara e fluida.

O nosso tempo destinado as brincadeiras chegou ao fim, voltamos para a sala.

Estava instaurado um ritmo e energia elevado, sugerimos um breve intervalo para beberem água e acalmar o corpo.

Fomos nos sentando em roda e a Julia F. propôs uma sequência de respiração.

Para dar continuidade a esse exercício de equilibrar a energia e a presença, propus que cantássemos uma nova cantiga, dividindo o grupo em *canto* e *palmas*.

Rapidamente se dividiram de acordo com o lugar de conforto e certeza de cada um. O canto foi potente, alto e vibrante, ao tempo que cumpriu com seu principal objetivo de instauração.

“Saia do mar linda sereia, saia do mar venha brincar na areia

Saia do mar sereia bela, saia do mar venha brincar com ela

Saia do mar sereia minha, saia do mar venha brincar sozinha”

Musica aprendida por mim durante uma oficina na UFU, de Descolonização, com o colega Diego Leonardo.

Assim que finalizada seguimos para a partilha das histórias da origem/localização geográfica brasileira de cada família.

Usamos novamente da *tampinha da fala* para que pudéssemos nos organizar. Muitos não haviam se lembrado de fazer a pesquisa e alguns outros não estavam presentes no encontro anterior, mas ainda assim se esforçaram e se propuseram a contar o que sabiam.

Foi um momento de partilha muito potente, pois era possível visualizar um certo orgulho em quem possuía a fala e o interesse, admiração e identificação de quem ouvia.

Em um determinado momento a atenção das pessoas que estavam sentadas no círculo foi se perdendo pela movimentação que estava acontecendo fora dele. Brinquedos, cartinhas de álbum da copa e conversas exteriores foi aos poucos ganhando mais atenção do que o exercício.

Como já feito em outros momentos, paramos o exercício e conversamos brevemente sobre o respeito a fala do outro.

Ouve também o compartilhamento voluntario de histórias de nomes de quem não havia participado ou pesquisado no encontro anterior.

Assim que terminamos a partilha realizamos a atividade do mapa, entregamos a cada um uma folha com o desenho de um mapa do Brasil. Deveria ser pintado as regiões onde a família tinha origem ou passagem.

Neste momento a professora Mariene, orientadora do estágio entrou em sala, o que causou uma certa movimentação na energia da turma.

Na realização desse momento alguns alunos que não haviam participado do restante da aula se interessaram e se propuseram a participar.

Ao caminho em que foram terminando tivemos que retomar rapidamente a roda para que não houvesse uma grande dispersão.

Solicitei que ficassem de costas para o meio da roda, se sentassem e fechassem os olhos. Eu contaria naquele momento a história do “meu lugar”, por meio de uma contação/meditação.

Foi difícil instaurar uma presença e concentração e em vários momentos os percebi distraídos, o ambiente estava tomado por distrações, pessoas chamando na porta, o barulho dos outros alunos brincando no canto da sala, gritos entrando pelas janelas...

Apesar da dificuldade imersiva foi perceptível também que em algum grau conseguimos realizar um trabalho imagético.

Minha estória, baseada na criação de uma história para contação realizada na disciplina de Pedagogia do teatro III em 2021 (UFU):

“Eu vou contar sobre o lugar de onde eu vim, que é um lugar mágico... um reino encantado!

Esse lugar é um lugar que você não conhece, bem longe do mar mas bem perto do céu.

Tem um luar que da pra contar as estrelas, as vezes no silêncio da noite, se você fechar os olhos e prestar bastante atenção consegue ouvir o cerrado soprando a canção do bicho seda:

2x (Lagarta bonita, borboleta dourada)

Nesse lugar não precisa ter sonhos, basta colher do que a terra nos da: Bacupari, araticum, mangaba, biama, taioba, jambo, pitanga, piqui, azedinha e gariroba.

O que mais tem lá??

Lá tem o mel de jataí, a vida é doce sem igual, tem sabiá tem juriti, fruta fresquinha no quintal.

(Cantado) Tem vagalume que clareia, tem lua cheia, lobo guará, você sabia que um dia teve ate tamanduá...

Lá nesse lugar não há nenhum lugar para tristeza, é um reino com muitos animais (citar animais e perguntar sobre outros).

Pedir para que se imaginem transitando nesse lugar.

Em seguida imaginarem o seu próprio lugar, seu conceito de lar, considerando:

Onde é? Como é? O que tem lá? Quem está lá? Que som faz?

Após o momento imaginativo e contemplativo, seguindo a indicação da Julia M. realizamos um exercício de Viw Points, que apesar de já realizado em outros momentos não ficou tão claro nas indicações feitas por nós duas.

Depois de algumas tentativas seguimos. Guiei a proposição já trabalhada de caminhar pelo espaço seguindo as orientações de velocidades, planos e poses.

Dessa vez considerando relações entre os alunos durante as orientações, o que proporcionou a análise de que quando postos para se relacionarem os movimentos e proposições corporais se tornaram mais limitados e repetitivos.

Foi também nesse momento em que mais se destacou a “rixa” que estava instaurada entre a turma nesse dia. Eles evitavam olhares, contatos e quando aconteciam eram de forma “agressiva” ou repulsiva.

Ainda assim conseguimos com certo esforço impor que as regras do exercício fossem cumpridas. Logo percebi uma certa exaustão e tédio, paramos e encerramos as práticas partindo para o momento de avaliação, sendo proposto que quem se sentisse à vontade falasse sobre suas percepções sobre o encontro.

Particularmente esperava que fossem levantadas questões, apontamentos, mas recebemos uma chuva de ataques entre meninos e meninas baseados na confusão interna da turma. Surgiram elogios sobre a aula, avaliando positivamente a prática no ambiente

externo, as brincadeiras e as cantigas, assim como também recebemos “críticas” e questionamentos sobre os mesmos.

“Eu não entendi nada daquela música, parecia grego”

“Mesmo não participando eu achei umas coisas bem legais, e outras muito chatas. Ainda mais quando ninguém prestava atenção”.

“Eu gostei das músicas, mas é difícil dançar”

“Achei divertido, as coisas novas”

O encontro dessa sexta permitiu a clareza de alguns pontos a serem trabalhados, como a necessidade de avaliar a proposição de atividades que integrem de forma geral todos os alunos, fazendo com que se relacionem e se aproximem.

Lidando com a diversidade da faixa etária, é mais que preciso que haja harmonia entre eles (alunos) para que possam trabalhar a relação com si, sem medo de julgamentos e apontamentos.

A preparação de um espaço limpo (de objetos e brinquedos) e amplo que evite ao máximo distrações e outros meios de evasão.

Uma condução clara, precisa e bem pontuada. Durante os 3 encontros que até então foram realizados, observei as diferentes formas de conduzir a aula e os diálogos que nós três (eu e Julia's) apresentamos, isso impacta na recepção e disposição dos alunos na realização dos exercícios.

A variação de idade da turma causa essa pequena estranheza, minha forma de guiar a aula é mais voltada aos alunos mais velhos, o que impacta nas orientações que as vezes podem parecer duras ou não tão claras quando chegam aos alunos mais novos, enquanto a maneira de guiar das Julia's é mais voltada aos alunos menores, é perceptível o quanto os outros se sentem em um ambiente infantilizado e acabam não “comprando” as ideias e propostas com a intensidade esperada.

Fomos questionadas por uma aluna durante a roda de avaliação, sobre se o que estávamos fazendo era realmente teatro. A concepção de um teatro que consiste em decorar falas e apresentar algum resultado é a que chega até eles, em uma breve

tentativa de explicar que o teatro tem várias vertentes e se apresenta de diversas maneiras me questionei se seria necessário propor atividades com textos e improvisações para que torne o encontro mais crível a esses alunos.

Até o momento levantamos questões e buscamos causar reflexões em uma auto avaliação e conhecimento, que chega em seus resultados de forma singela, mas potente. O simples fato de conseguir perceber empenho e prazer no fazer, demonstra pequenas movimentações políticas, sociais e identitárias.

4º encontro:

Nesta sexta- feira havíamos planejado um encontro com o propósito de trazer para as práticas movimentações de consciência do falar (consciência da linguagem e voz), apropriação do falar, cantar e do sotaque cotidiano e individual.

A Julia F. não pode estar presente no encontro.

Chegamos em sala e a turma estava pintando, ação realizada apenas enquanto nos aguardavam chegar. Fomos nos instaurando aos poucos enquanto aguardávamos o restante da turma chegar do passe e da outra atividade que estavam realizando na sala ao lado.

Logo tínhamos o grupo todo em sala (nem todos em círculo) e mais um dia contamos com a ausência de alguns alunos e a presença de novos corpos.

Após breve diálogo para percepção do estado físico e emocional da turma seguimos para a prática habitual da corda. Todos os alunos participaram, foi perceptível nesse encontro uma evolução na percepção de tempo/ritmo, a grande maioria conseguiu o movimento de entrada e saída. A atenção estava mais presente que nos demais encontros.

- Aquecimento corporal:

Escolhemos nos aquecer de maneira integrada aos exercícios, o primeiro movimento foi o pulo da corda e em seguida expliquei que nesse dia seria muito necessária atenção aos

comandos e aos movimentos realizados, acionaríamos atividades já feitas anteriormente e as realizadas ao decorrer da aula seriam variações mais complexas.

O primeiro comando foi o acionamento básico do caminhar pela sala ocupando os espaços e percebendo o corpo, dessa vez com um estímulo sonoro (músicas dos Barbatuques).

Em seguida buscamos variações:

* Caminhar rápido *Caminhar como se fosse encontrar alguém muito importante para você *Caminhar com dor nas costas * Caminhar cansado

A segunda variação propunha uma atividade que necessita de um trabalho individual e sincero. Ainda caminhando pelo espaço os alunos ouviriam palavras ditadas por nós, professoras e automaticamente deveriam dizer em voz alta a primeira palavra que a mente associasse.

O exercício teve como intuito avaliar as relações e referências que cada aluno mantinha com as palavras, que apresentam diferentes meios sociais, “lugares” que podem compor ou não o cotidiano de cada um.

O exercício fluiu de forma muito positiva, todos compreenderam as orientações facilmente e as respostas do jogo eram rápidas e diversas.

Ao decorrer da dinâmica o lanche chegou em sala, causando uma certa dispersão, então decidimos encerrar e tentar uma rodada sentados em círculo, tivemos novas respostas e pudemos ouvir com mais clareza.

Após a hora do lanche a Julia M. conduziu um momento de respiração, que teve o intuito de acalmar os corpos agitados e dar introdução a prática de percepção dos ressonadores.

Nesse dia demos atenção as vogais. Ressoamos as vogais e deixamos livre a percepção de onde chegava a vibração a cada um. Tivemos diferentes respostas corporais e a partir disso demos alguns direcionamentos breves.

Esta prática além das intenções anteriores proporcionou o aquecimento vocal necessário para as atividades que seriam realizadas a seguir.

Nos encaminhamos para o lado de fora (espaço exterior arborizado), nesse momento a sala se dividiu. Uma parte da turma não quis participar, ficando em sala com a professora residente, a outra parte nos acompanhou até o lado de fora, mas ao decorrer da caminhada alguns outros resolveram voltar para sala.

Dessa vez propomos a retomada do jogo dos “Escravos de Jó” em uma formação diferente, em roda.

Os movimentos e direções foram guiadas pela música, e divididos em 3 etapas: Cantando e dançando, cantarolando e dançando, apenas dançando.

Para nos encaminharmos para o próximo exercício tivemos nos locomover de local, o sol estava quente e incomodando a turma, fomos até a parte da quadra que utilizamos no encontro anterior e antes mesmo que pudéssemos dar os comandos a turma formou o círculo e se propôs voluntariamente a cantar em uma retomada as cantigas aprendidas anteriormente.

Deixamos fluir organicamente, percebi que a ideia dessa disposição no espaço exterior os remetia ao registro musical. Seguiram por um tempo e retomamos a programação.

Agora, em duplas escolhidas por eles mesmos propus de forma demonstrativa que buscassem registros vocais além dos utilizados no cotidiano, considerando mudar a voz acionando os ressonadores acessados anteriormente.

Nem toda classe estava presente e uma parte dos alunos que haviam nos acompanhado para área externa voltaram para sala de aula.

Deixamos que investigassem livremente e se necessitassem de alguma ajuda estaríamos à disposição, as experimentações foram surgindo de forma gradativa e um pouco envergonhadas, mas em pouco tempo as vozes e os corpos ocupavam o espaço anulando as atividades que aconteciam ao redor.

Foi perceptível e interessante acompanhar como a ideia de mudar o registro vocal automaticamente propôs mudanças corporais, e que mesmo que durante a minha demonstração eu tenha acessado diferentes ressonâncias, em sua grande maioria trouxe para a “cena” o agudo. O registro agudo vinha acompanhado de uma ideia e proposição infantilizada ou “patricinha”.

Depois de algum tempo de experimentos individuais e grupais (que foram surgindo sem a nossa indicação) nos posicionamos de baixo de uma árvore, localizada ao lado da quadra e formamos um semicírculo, para que as duplas pudessem apresentar seus registros por meio de uma breve improvisação.

Os diálogos assim como as experimentações vieram acompanhados de muitos gestos representativos e composições corporais que davam “vida” a “personagem” criada.

Apesar de em alguns momentos aparentar uma certa timidez, todas as duplas se apresentaram e se divertiram “descobrimo” essa nova voz.

Voltamos para a sala para nos encontramos com o restante da turma que estava acompanhada pela professora, estavam em grupinhos espalhados pelos cantos, conversando. Logo que chegamos demos um breve momento para água e banheiro.

Ao voltar já buscamos a formação do círculo, a turma estava alvoraçada, fomos aguardando para que se organizassem e se acalmassem sem que precisássemos dar sermão e interferir, logo os mais velhos foram tomando frente e chamando a atenção dos mais novos. Tínhamos a atenção de todos.

Expliquei que o próximo exercício seria uma junção de todas as práticas feitas no decorrer da aula e que seria necessária atenção em si e no outro, sensibilidade para perceber a reação do corpo e movimento, etc.

Caminhando pelo espaço, deveriam escolher uma pessoa sem que ela soubesse e copiar seus movimentos, capturando não só as imagens, mas a essência/personalidade. Isso se repetiu duas vezes.

Solicitei que guardassem um registro de cada pessoa escolhida e em seguida fizemos a exposição individual dos movimentos.

Alguns movimentos se repetiram entre eles enquanto outros causavam a sensação de anseio em descobrir de quem vinha aquele registro.

Após todos presentes na roda se apresentarem, em duplas seguimos o exercício acrescentando ao registro corporal, o registro vocal trabalhado anteriormente (ou um novo se necessário). As duplas deveriam criar um diálogo se apresentando, considerando as histórias dos nomes ou/e o lugar de origem (próprio ou familiar).

Durante as experimentações algumas dúvidas surgiam e percebemos que quando respondidas de forma prática e exemplificada, jogadas com eles, servia como esclarecimento e incentivo.

Assim como no espaço externo, dessa vez a sala se tomava por corpos de movimentações que mesmo pequenas se mostravam dilatadas, as vozes tomaram conta do ambiente e as relações variavam e intrigavam quem assistia.

Chegado o momento de exposição, fizemos o círculo e nem todas as duplas quiseram apresentar. A exposição foi divertida, dinâmica e trouxe para a cena alunos que até então não haviam se exposto, além da aparição de figuras e “personagens”.

Os diálogos em alguns momentos se estendiam por não acharem uma finalização para o exercício, foi quando interferíamos, ou se prolongavam, pois, a vontade e o prazer da realização era tamanha que causava a sensação de que poderiam fazer aquilo por horas, necessitando que fizéssemos algumas intervenções.

Considerando os objetivos do plano de aula, atingimos nesse momento o propósito de integrar a investigação teatral à reafirmação da história e particularidade de cada indivíduo.





No momento seguinte a pedido de alguns alunos e como forma de dar caminho a finalização da aula, guiei uma meditação.

Aproveitei do momento para retomar a ideia de lar, família e gostos. Solicitei que deitados em algum espaço da sala fechassem os olhos e relaxassem o corpo e construindo o imaginário formassem a imagem do lugar que se sentissem mais confortáveis, seguros e felizes, junto as pessoas mais especiais. Para introduzir aos costumes e gostos alimentares, guiei o imaginário de um momento neste lugar, com essas pessoas com os alimentos preferidos, sentindo gosto, cheiro, textura e a sensação causada em cada um.

Ao final da meditação solicitei que fizessem um desenho livre baseado na meditação realizada.

Para finalizar o encontro abrimos para comentários a respeito da aula e sensações atingidas.

5º encontro:

Voltamos a nos encontrar depois de algumas semanas devido a uma viagem que nós (oficineiras) tivemos de fazer e a paralização das aulas em dias de jogo do Brasil na copa. Muito receosas devido ao longo tempo sem contato com os alunos e ao curto espaço de tempo (2 encontros) para finalizar o processo.

Adaptamos e montamos a programação do encontro com a intenção de retomar o conteúdo da aula anterior e acentuar nas práticas a temática abordada.

Achamos como solução para reposição de uma das aulas irmos durante a segunda feira, como já esperado encontramos os alunos em atividade de recreação (que ocorre todas as segundas). Demorou um tempo até que as Julia's conseguissem chama-los para dentro da sala, e a locomoção só se apressou pela chuva intensa que desabou repentinamente.

Os alunos chegaram aos poucos molhados e eufóricos, cheios de questionamentos sobre o porquê de tanto tempo sem nos encontrarmos e com muito contato físico e afetivo.

Aos poucos fomos conseguindo instaurar a roda e a atenção.

O primeiro momento foi o exercício de pular a corda, eles se organizaram sem precisarem de orientações durante todo o momento da pratica.

Guiei um aquecimento que dessa vez veio entrelaçado na prática de exercício.

A orientação foi que trabalharíamos corpo e voz simultaneamente e que resgataríamos o trabalho vocal da aula anterior, acionando mudanças no timbre da voz por meio de uma canção.

Ao citar que iríamos cantar de imediato surgiram várias especulações de qual música seria, e entre eles já experimentavam as variações de tonalidade com músicas trabalhadas em outros encontros.

Primeiro aprendemos e entendemos a letra da música, em seguida cantamos acrescentando as variações vocais e por último cantamos introduzindo a coreografia.

Letra:

Ê ô

Atrelem os bois (voz densa e grossa)

Sinta o vento

Cai a chuva sobre nós (voz média e cotidiana)

Vamos colher as espigas douradas (voz fina em suas variações)

Repetimos algumas vezes, dando a cada repetição mais intensão e tonalidade ao canto e aos movimentos, no final estavam todos realmente aquecidos e se divertido.

Assim que encerramos fizemos a pausa do lanche.

O exercício a seguir foi guiado pela Julia Mouza que teve como proposito dar continuidade ao anterior.

Caminhando pela sala os alunos deveriam retomar as vazas acessadas e dar corporeidade a elas. Durante esse momento houve um tumulto que surgiu da necessidade dos alunos tentarem justificar do porquê de suas ações.

Aproveitamos essa atividade para retomar as propostas da aula passada, sugerimos que fossem acionando em seu corpo e voz as falas e/ou movimentos das pessoas que observaram ou que conviviam, trazendo diferentes registros e percebendo as modificações em seus corpos.

Mais uma vez as justificativas e explicações surgiram, só que dessa começaram a aparecer com pequenos relatos. Começamos a acessar um corpo contador de história.

Uma das alunas me procurou para relatar que não tinha nenhum registro e que por isso não faria o exercício. Pedi para que pensasse em um movimento ou fala mínima de alguém próximo ainda assim se mostrou indisposta a fazer o exercício então emprestei a ela um dos meus registros e a partir disso houve o início de uma investigação.

Pensando nesse acontecido me vieram alguns questionamentos, a questão familiar seria uma questão para ela? Seria timidez? Bloqueio ou receio da exposição de algo pessoal?

Finalizamos e seguimos para a próxima prática.

Espalhei pela sala algumas imagens que traziam diferentes contextos, mas com vínculo a cultura popular (roda de dança, contexto caipira, samba)

Deixamos que analisassem todas as imagens e escolhessem sua preferida, a partir disso formamos os grupos.

Durante a escolha das imagens uma fala me chamou atenção, um dos alunos se manifestou para o colega ao lado “Ó samba, vou nessa. Filho de pretinho né?! Não tem como”. Pude sentir na sua fala um peso de orgulho e pertencimento sobre sua cultura e identidade que foi o suficiente para preencher meu coração naquele momento.

Ao final da formação dos grupos indiquei que déssemos início ao que seria uma iniciação simplificada ao processo de mimese corpórea.

Os grupos deveriam reproduzir metodicamente as imagens, as refazendo diversas vezes se atentando a cada detalhe. O trabalho deveria ser feito de forma coletiva, sendo uns os olhos dos outros.

Depois da reprodução nos sentamos para uma apreciação coletiva das fotos, expondo ao grupo nossas percepções e interpretações. Em seguida cada grupo deveria apresentar o resultado de suas imagens corporais, passando por dois momentos:

Primeiro: A reprodução da foto

Segundo: A reprodução da foto + Vida a imagem. De acordo com a interpretação deveriam dar continuidade a ação que a imagem apresentava, podendo conter sons, relação com objetos, relação com a plateia.

A abertura e disposição para a realização da atividade foi extremamente positiva, tanto em participação quanto em relação à proposta. Os corpos se moldaram e trouxeram registros e memórias com relações culturais, acessamos gostos, vivências e referências.

Antes de passarmos para a próxima prática alguns alunos solicitaram um momento da aula para que pudessem fazer uma “amostra” de capoeira, ficamos todos muito animados com a ideia e combinamos que seria disponibilizado um tempo antes do final da aula.

Nesse mesmo momento muitos alunos foram chamados para participar de um ensaio, deixando a sala quase vazia.

Demos sequência a programação do plano de aula e propomos o jogo do “nome e bola”, que tinha como objetivo trabalhar a concentração e coletivo por meio do brincar. As instruções foram de caminhar ocupando os espaços da sala, ao receber a bola deveria escolher uma outra pessoa para quem arremessar dizendo o nome do apanhador em voz alta, quando a bola caía ao chão, todos caíam juntos.

Exploramos nesse exercício velocidades e planos, o jogo durou alguns minutos e ao final estávamos todos integrados.

A próxima atividade dependeria da presença de todos os alunos, com isso decidimos abrir nesse momento o espaço para o jogo da capoeira.

Esse foi um momento muito especial, pois eles se organizaram e se propuseram a fazer com um brilho no olhar, os corpos estavam presentes e enraizados naquele momento, tanto de quem jogava quanto de quem assistia.

Eles cantaram, jogaram e brincaram, trazendo um corpo cultural e decolonial por conta própria, fizeram a relação entre os movimentos e os cantos da capoeira com as atividades que realizamos durante as aulas e tornaram tudo orgânico de forma espontânea.

Ao fim, tínhamos de continuar a aula. Os alunos do “ensaio” não voltavam e não podíamos mais aguardar.

Readaptamos a proposta, ficou com a Julia M. a tarefa de conduzir a meditação do dia, que daria abertura para nossa próxima atividade e até mesmo para o encontro seguinte.

A meditação teve como objetivo guiar a imaginação e a memória até histórias próprias ou familiares que os atravessavam de alguma forma, histórias que modificam o ambiente ao serem contadas e que fazem parte do meio (individual) familiar ou do ciclo de amizades.

Talvez por falta de clareza nas orientações e/ou falta de atenção dos ouvintes, as histórias foram levadas ao lugar de interpretação de sonhos. Tentamos dar a proposta o caminho certo, exemplificando nossas histórias e retomando as orientações sem “podar” a linha imagética que eles já haviam criado.

Pedi que anotassem ou desenhassem essas histórias para que pudessem ser compartilhadas na aula seguinte, considerando que a maioria da turma não estava presente e que as atividades realizadas fossem repassadas por um guardião durante a semana.

Chegamos ao fim do encontro, nos despedimos e a caminho do portão ouvimos comentários sobre um “tal bolo de padaria” que seria uma motivação para frequentarem determinada aula. Perguntamos sobre que bolo seria esse, gostoso ao ponto de ser motivador de participações nas aulas, a resposta foi um “bolo de milho na palha”.

Pronto, tínhamos o incentivo para que os alunos comparecessem no nosso último encontro e ainda passamos de forma involuntária sobre o gosto e costume culinário.

6º Encontro:

Esse seria nosso último encontro e dessa vez nosso receio era de não encontrar alunos para participar da aula, já que era o último dia de aula (dia letivo do ano) na escola e os alunos já não estavam comparecendo.

E foi isso que aconteceu. Chegando na escola dois dos nossos alunos mais frequentes estavam na organização do “passe”, me convidaram a tomar e pela primeira vez aceitei, como forma de educação, retribuição e despedida.

Logo após esse momento fomos para sala na qual encontramos vazia, os poucos dos nossos alunos que estavam presentes na escola estavam participando de um ensaio.

Demos início as nossas propostas com alunos de outra turma, mais novos e que até então não tínhamos contato algum.

Fizemos um primeiro momento de apresentações com a música da “*fruta do conde*” e em seguida partimos para a dinâmica da corda.

Foi muito interessante ver a recepção e a animação positiva com a proposta.

Em seguida tivemos o horário do lanche, que também serviu como nosso momento de confraternização com os alunos com a partilha dos bolos que levamos com o intuito de agradecimento e finalização com a turma.

Após o momento da refeição iniciamos uma oficina de montagem, criação e customização de bonecos, usando materiais diversos de acordo com a imaginação e criatividade de cada um.

Disponibilizamos tintas, glitter, lápis de colorir, pinceis, panos e retalhos, tnt, gravetos, barbantes, etc;

A criação era livre, mas durante a criação fomos pontuando em momentos diferentes algumas questões a serem pensadas, como o nome, a voz e a morada desse boneco.

Ao final tivemos resultados muito criativos e bonitos, os alunos se dedicaram muito a cada detalhe.

Na etapa seguinte, considerando as informações criadas, cada aluno deveria criar uma história para seu boneco.

A Julia M. iniciou a contação, servindo como exemplo e incentivo. Essa ação proporcionou um momento divertido e de concentração do grupo, mas também proporcionou na exemplificação histórias muito parecidas baseadas na primeira contada.

Todos participaram, de maneira mais tímida ou desinibida e até mesmo os alunos que chegaram após a produção dos bonecos se dispuseram a contar histórias em roda.

Ao final cedemos mais uma vez um espaço de tempo para apresentações de capoeira, mas antes fizemos um aquecimento corporal e vocal a partir da cantiga dançada de “*Atrelem os bois*”, mudando completamente a energia da sala e corpos presentes.

Assistimos as apresentações de capoeira, que foram apresentadas com muito esforço, carinho e brilho no olhar.

Para finalizar brincamos de corda novamente, dessa vez incluindo canções populares inseridas nessa brincadeira.

Por fim finalizamos esse breve período de encontros, entendendo uma pluralidade de gostos, histórias, corpos e formas de relação muito amplas dentro de um mesmo espaço e enxergando ainda mais as possibilidades de utilizar o teatro e a cultura popular como ferramenta para a reafirmação da identidade cultural e nacional.

De forma técnica, a busca do uso circular para danças, proposições e brincadeiras, provindo de costumes populares e do próprio teatro, funcionou. A formação de círculos criou vínculos, rotina (respeito pelo ritual criado), relação do corpo com o espaço e associação com os movimentos realizados.

Percebemos que o processo também nos aproximou das possibilidades da interculturalidade. Buscamos entender e apontar que existe dentro da nossa nação outras nações, que nosso povo é plural e que se é realmente necessária a reafirmação da identidade para que possamos conviver e buscar tamanha riqueza em nós mesmos.

Essa reafirmação parte para além da introdução de costumes antigos, é por meio dela que se proporciona o olhar profundo para si, para os ancestrais que nos sustentam, para a terra que nos enraizamos e habitamos, para descolonização e a decolonização dos nossos seres e saberes.

A escolha de trabalhar com crianças e adolescentes partiu da visão de que a base geracional amplie essas percepções e que os novos ciclos sejam capazes de se questionar e entender de onde viemos e para onde vamos.

Dentro disso uma construção de troca e respeito, como ocorreu em vários momentos entre nós e os alunos. Tive como marcos pontuais de que estávamos no caminho certo quando as proposições partiam dos alunos, quando as canções atravessavam e ecoavam, quando as brincadeiras eram reconhecidas e associadas e quando as matrizes culturais nacionais se manifestavam em arte de forma singular.

O trabalho com faixas etárias distintas nos aproximou das diferentes formas que um corpo pode ser enxergado e posicionado e de que o teatro tem em suas ferramentas os elementos necessários para impulsionar o reenraizamento cultural e identitário, além de proporcionar abertura para novas narrativas, mas que esse mesmo teatro também precisa

passar por um momento de desconstrução e absorção de conhecimento que só acontece na prática, na vivência e na troca que ultrapassa as barreiras escolares e acadêmicas.

Durante todo o processo tivemos que modificar os planos de aula, algo que se era esperado, pois em um processo que apesar de intimista é colaborativo deveríamos estar sempre abertos para novas possibilidades e necessidades.

Alguns planejamentos e objetivos não conseguiram ser cumpridos por questões de tempo e inviabilidade por conta do local em que ocorreu a oficina.

Acredito que uma melhor estratégia para o trabalho, seria a proposição de aulas independentes e não segmentares, assim poderíamos iniciar e encerrar as propostas sem depender de elementos e presenças fixas em todos os encontros, assim, não quebrando o processo.

Em um todo enxerguei potência, elementos e acontecimentos importantes no processo de realização da oficina, muitos elementos a serem considerados como instrumentos para próximos trabalhos e outros a serem melhorados.